

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**ERIKA YUMI SATAKE**

**ESTUDO DA MIGRAÇÃO JAPONESA EM MARINGÁ: O CASO DA ASSOCIAÇÃO  
CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ (ACEMA)**

**MARINGÁ**

**2014**

ERIKA YUMI SATAKE

**ESTUDO DA MIGRAÇÃO JAPONESA EM MARINGÁ: O CASO DA ASSOCIAÇÃO  
CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ (ACEMA)**

Qualificação do Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Geografia. Orientador: Prof. Dra. Sueli de Castro Gomes.

MARINGÁ

2014

**ESTUDO DA MIGRAÇÃO JAPONESA EM MARINGÁ: O  
CASO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE  
MARINGÁ (ACEMA)**

**DATA DA DEFESA:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**PARECER DA BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Sueli de Castro Gomes (Orientadora)**

---

**Prof. Rosangela Kimura**

---

**Prof. Jeinni Kelly Pereira Puziol**

**PARECER**

---

---

---

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer muito a minha família, especificamente aos meus pais Roberto e Elza que me apoiaram e me deram suporte em todas as minhas escolhas, sempre me incentivando a seguir em frente e a enfrentar os obstáculos de cabeça erguida.

Agradeço a todas as amizades construídas durante o percurso da universidade no qual sei que levarei para a vida toda, em especial as minhas amigas Ana Caroline; Elenice; Jakeline e Luciana, que sempre estiveram convivendo comigo durante todos os dias de aula da universidade. Tenho a agradecer também a professora de língua japonesa Erica Miura que me proporcionou alguns livros para a realização deste trabalho. E agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram ou torceram pela concretização desta pesquisa.

Em especial gostaria de agradecer a minha orientadora Sueli de Castro Gomes que me deu suporte e amparo para que este trabalho de conclusão de curso fosse realizado da maneira mais assertiva possível, sempre pronta a me ajudar e direcionar na pesquisa.

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá – UEM por ter me proporcionado os materiais necessários para que este trabalho fosse concluído e pela oportunidade de estudo no curso de graduação em geografia, no qual tive a oportunidade de adquirir um amplo conhecimento sobre outras realidades, fora do meu convívio social.

SATAKE, Erika Yumi. **ESTUDO DA MIGRAÇÃO JAPONESA EM MARINGÁ: O CASO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ (ACEMA)**. Trabalho de Conclusão. Curso de Bacharel em Geografia. Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá 2014.

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta um estudo referente a imigração japonesa na cidade de Maringá (PR) no qual a ênfase desta pesquisa é de historicizar a fundação do clube ACEMA - Associação Cultural e Esportiva de Maringá, como é o seu funcionamento, como se organiza alguns departamentos do clube e quais tipos de eventos e festividades o clube realiza. A pesquisa ainda aborda brevemente conceitos de migração e território relacionados a força de trabalho. Descreve como foi o processo histórico de vinda destes imigrantes japoneses no Brasil e no Paraná, até chegarem à região Norte Paranaense que, acabam por se fixar na cidade de Maringá e fundar uma associação destinada a descendentes nipônicos, com o intuito de repassar e preservar a cultura as suas novas gerações.

Palavras chave: Imigração; Japoneses; Maringá; Norte do Paraná; ACEMA.

## **ABSTRACT**

This paper presents a study regarding the Japanese immigration in Maringá in which the emphasis of this research is to historicize the foundation of the club ACEMA – Culture and Sports Association of Maringá, how it works, how it organizes some departments of the club and what kind of festivities and events the club holds. The research also discusses briefly the concepts of migration and territory related to workforce. And describes how was the historical process of these Japanese coming to Brazil and Paraná, until they arrive in the north region, and end up by settling in the city of Maringá and to found an association to Nipponese descendants, in order to pass on and preserve their culture to younger generations.

Keywords: Immigration; Japanese; Maringá; North of Paraná; ACEMA.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 – O PROCESSO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL E NO ESTADO DO PARANÁ</b> .....	14
1.1 <i>Migração: os estudos referente a migração e conceitos de território</i> .....	14
1.2 <i>A mobilidade do trabalho como forma de migração dos japoneses para o Brasil</i> .....	17
1.3 <i>A trajetória da colonização e migração japonesa para o Norte Paranaense</i> .....	28
<b>2 – A VINDA DOS IMIGRANTES JAPONESES PARA A CIDADE DE MARINGÁ</b> ..	35
2.1 <i>Maringá: polo de atração dos imigrantes nipônicos</i> .....	35
2.2 <i>A presença japonesa em Maringá</i> .....	36
<b>3 – O TERRITÓRIO DOS IMIGRANTES JAPONESES: A HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ – ACEMA</b> .....	43
3.1 <i>A organização do clube</i> .....	47
3.2 <i>O maior setor esportivo do clube ACEMA: Baisebal e Softbal</i> .....	47
3.3 <i>A produção cultural do clube e suas manifestações</i> .....	48
3.3.1 <i>Grupo cultural de Tambores (TAIKO – WAKADAIKO)</i> .....	48
3.3.2 <i>Grupo cultural de dança (SAIKYOU YOSAKOI SORAN)</i> .....	50
3.4 <i>Os Eventos e Festividades promovidos pelo Clube</i> .....	51
3.4.1 <i>Festival Nipo Brasileiro</i> .....	51
3.4.2 <i>Festival de tambores (KAWASUJI)</i> .....	53
3.4.3 <i>Gincana esportiva do clube (UNDOKAI)</i> .....	54
3.4.4 <i>Festival de dança (YOSAKOI SORAN)</i> .....	55

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59

## **LISTA DE SIGLAS**

**ACEMA** – Associação Cultural e Esportiva de Maringá

**CTNP** – Companhia de Terras Norte do Paraná

**CMNP** - Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPARDES** – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

**JICA** - Agência Japonesa de Cooperação Internacional

**CEA** - Casa dos Estudantes da ACEMA

**SOCEMA** - Sociedade Cultural Esportiva de Maringá



## LISTA DE TABELASE FIGURAS

Tabela 01 – Entrada de imigrantes japoneses em países da América Central e do Sul (1899 á 1941).....	22
Tabela 02 – Número de famílias e pessoas distribuídas nas fazenda de São Paulo .....	24
Figura 01 – Núcleos formados por imigrantes japoneses no Estado de São Paulo.....	26
Figura 02 –Primeiros núcleos urbanos ocupados por migrantes japoneses no Estado do Paraná.....	32
Figura 03 – Localização do clube no município de Maringá.....	44

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Navio Kasato Maru no porto da cidade de Santos – São Paulo.....	23
Imagem 02 - Anúncio publicado em 01 de abril de 1934 no jornal “O Estado de São Paulo” .....	29
Imagem 03 - Templo Budista Jodoshu Nippakuji de Maringá.....	40
Imagem 04 - Interior do Templo Budista JodoshuNippakuji de Maringá.....	40
Imagem 05 - Parque do Japão.....	41
Imagem 06 - Parque do Japão.....	42
Imagem 07 - Localização da Nova e atual Sede da ACEMA.....	45
Imagem 08 - Grupo Wakadaiko apresentando no Festival Nipo Brasileiro.....	49
Imagem 09 - Grupo Saikyou apresentando no Festival Nipo Brasileiro.....	50
Imagem 10 - Festival Nipo Brasileiro – gastronomia.....	52
Imagem 11 - Panfleto de divulgação do Festival Nipo Brasileiro.....	52
Imagem 12 - Tocadores praticando música ensinada por professores japoneses.....	54
Imagem 13 - Crianças participando de corridas na gincana do clube.....	55

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com o intuito de verificar a migração japonesa para a cidade de Maringá (PR) e a criação da Associação Cultural e Esportiva de Maringá, pois a migração está relacionada com o trabalho, produção e geração de um novo território. Constatou que a chegada destes nipônicos ocorreu devido aos fatores relacionados a agricultura do café na década de 1930, que com o incentivo e ajuda governamental da época, possibilitou que estes imigrantes conseguissem comprar suas terras. Diante disto, com a vinda destes japoneses em Maringá houve com o tempo a necessidade de criar uma associação nipônica, que os reunissem para confraternização e lazer. Surgiu assim um novo território específico, o clube ACEMA (Associação Cultural e Esportiva de Maringá) com o propósito de congregar e propagar a cultura oriental para estes descendentes japoneses.

A partir de então a escolha deste tema ocorreu devido a facilidade e afinidade com o assunto, e a curiosidade de se saber como foi a história da vinda destes japoneses para um lugar tão distante e diferente de sua terra natal. Como sou descendente destes imigrantes e quase não se há estudos aqui no município relacionados a este assunto, senti o interesse de descobrir a real história de meus antepassados e me aprofundar mais sobre o assunto.

Destarte disto o objetivo geral desta pesquisa é de estudar a migração japonesa para a cidade de Maringá-PR por meio do clube ACEMA (Associação Cultural e Esportiva de Maringá) no qual foi criado pela comunidade nipônica, com o intuito de preservar a sua cultura e descendência, que identifica o local como um território. O trabalho tem ainda como objetivos específicos: Estudar a migração japonesa para a cidade de Maringá e o Norte do Paraná; Pesquisar como os imigrantes e seus descendentes possuem o clube como ponto de encontros como meio de produção e reprodução da cultura e convívio social, formando um território para estes migrantes, e pesquisar a história do clube e qual a sua relação com os seus associados.

A imigração japonesa no Brasil se iniciou no século XX quando o navio japonês Kasato Maru aportou em Santos (SP) trazendo lavradores para as fazendas de café do interior paulista. Posteriormente alguns grupos de japoneses iriam se fixar no Noroeste do Estado do

Paraná, trazendo a tradição da lavoura, no qual acabaram por colonizar e fundar várias cidades no Norte do Paraná como Assaí e Uraí, até chegarem às cidades de Maringá e Londrina.

Assim, dados obtidos apontam que o primeiro pioneiro Mitsuzo Taguchi veio para Maringá com o intuito de comprar terras e ter sua própria lavoura. A partir de então várias outras famílias japonesas do interior paulista e do norte velho paranaense vieram para esta região e fixaram residências. Devido ao crescimento da comunidade, surge então uma entidade representativa, a Maringá Niponjinkai (Associação dos Japoneses de Maringá). Esta entidade foi criada com o propósito de incentivar a cultura japonesa na região que estava em desenvolvimento. Ainda no mesmo ano de fundação da Maringá Niponjinkai, a geração jovem nipo-brasileira acaba por criar a sua própria associação, denominada SOCEMA - Sociedade Cultural Esportiva de Maringá. Sendo assim em 1972 surgia pela fusão dessas duas entidades o clube denominado de ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ, a então atual ACEMA.

A fundamentação teórica deste trabalho aconteceu através de leituras bibliográficas, em revistas, *sites* e teses referentes ao tema da imigração japonesa no Brasil, Estado do Paraná e na cidade de Maringá. Posteriormente a estes levantamentos foi realizado uma pesquisa de campo informal com pessoas conhecidas que são de lideranças na associação, para se saber mais sobre o funcionamento do clube e divisões do departamento da ACEMA. Durante a realização desta pesquisa se constatou alguns obstáculos para a formulação da parte teórica, como a falta de recursos e algumas leituras bibliográficas específicas sobre dados recentes do clube.

O Método utilizado para a realização desta pesquisa descritiva foi de visar à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno da migração japonesa e seus processos de formação de um clube. Foi utilizado também dados quantitativos para compreender a quantidade de imigrantes que chegaram ao país.

O Primeiro capítulo *O Histórico da imigração japonesa no Brasil e no Estado do Paraná* se refere aos conceitos existentes sobre migração e territórios nos quais estão ligados a mobilidade do trabalho. É exposto ainda neste capítulo como ocorreu o processo da vinda

dos imigrantes japoneses no país e o por que posteriormente da migração destes para a região norte do Estado do Paraná.

Por conseguinte no Segundo capítulo *A vinda dos imigrantes japoneses para a cidade de Maringá* se refere a historicidade da cidade de Maringá e por quais motivos os imigrantes japoneses vieram se estabelecer nesta cidade, como ocorreu a colonização por meio destes migrantes e como se originou a criação da Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). E por fim é exposto a influência da cultura nipônica e alguns lugares que foram construídos devido à presença da cultura japonesa.

No Terceiro e último capítulo *O Território dos imigrantes japoneses: A História da Associação Cultural e Esportiva de Maringá – ACEMA* aborda o processo histórico do clube, a sua localização e como é o seu funcionamento da associação. É descrito ainda como funciona alguns departamentos e quais eventos e festividades são promovidos pelo clube.

Finalizando, com a pesquisa realizada se pode concluir sobre todo o processo migratório dos japoneses para esta região e o por que da existência do clube, que foi construído com a finalidade de passar a essência da cultura japonesa para os seus descendentes nipônicos.

## 1. O PROCESSO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL E NO ESTADO DO PARANÁ

### *1.1 Migração: os estudos referente a migração e conceitos de território*

Segundo Póvoa Neto (1997) as razões de ocorrer às migrações estão relacionadas à busca de melhores condições de vida, de salário e de sobrevivência, no qual além de motivos financeiros, as pessoas migram por motivos sociais, políticos, discriminatórios e por ocorrência de guerras. Porém entre as causas econômicas e políticas, existem muitas situações mistas que, podem ser entre aqueles que migram por alguma razão econômica e outros que migram por motivo político, possuindo ainda casos em que se misturam essas duas questões. Assim como menciona Póvoa Neto (1997, p.14) “[...] os movimentos migratórios podem sofrer a intervenção de políticas públicas que os contêm, estimulem ou orientem. Mas devem ser objeto de atuação por parte do Estado.”

Sendo assim, o autor aponta que existem três formas de se estudar e abordar a questão migratória no Brasil. A primeira delas está relacionada a concepções Neoclássicas das migrações e o espaço. No qual para Póvoa Neto (1997) “[...] as migrações não têm uma expressão apenas demográfica, mas principalmente econômica, representando deslocamentos espaciais de trabalhadores no espaço geográfico.” O autor ressalta ainda que:

O migrante significa, segundo tal abordagem, um portador de trabalho, fator produtivo que, em combinações adequadas com a terra e o capital, apresenta interesse para os processos de desenvolvimento econômico. O espaço pode ser tido, para os neoclássicos, como “equilibrado” ou “desequilibrado”, conforme a combinação de fatores esteja mais ou menos próxima de um determinado “ótimo”. (PÓVOA NETO, 1997, p.15)

Diante disto, o autor ressalta que para a concepção neoclássica os movimentos migratórios precisam partir da perfeita mobilidade do trabalho que, lideram a questão do equilíbrio econômico e a função do mesmo, no qual estes deveriam acompanhar a circulação de mercado existente em um determinado espaço, ou seja, que aproxime-se da homogeneidade. Porém para Póvoa Neto (1997) a descontinuidade espacial e os constrangimentos da circulação de mercado na época dos séculos XVIII e XIX eram impossíveis de se ter um equilíbrio econômico.

Adotar a concepção neoclássica implica [...] em desconsiderar a dimensão histórica das migrações. Estas aparecem, a cada momento, como decorrência inevitável de impulsos, supostamente "eternos", do indivíduo que busca se deslocar rumo a melhores condições de vida, entendidas em função da remuneração do trabalho. (PÓVOA NETO, 1997, p.17)

Por conseguinte a segunda forma de abordar o processo migratório, Póvoa Neto (1997) afirma que para a migração há uma concepção histórico-estrutural no qual é vista como um fenômeno social que está junto com os demais processos da sociedade, podendo englobar agora todo o processo histórico e geográfico da migração. Neste sentido autores acabaram por adotar uma visão marxista, devido a migração ser um processo de "pressão" demográfica que está em análise e transformação da produção, ou seja, acaba por se tornar um meio de expulsão natural do sistema econômico. Sendo assim, o segundo tronco teórico se baseia nesta concepção histórico estrutural das migrações, entretanto, o único problema que há dentro desta teoria é que se tem uma pequena divisão entre o conceito histórico e o processo social estrutural da migração.

Referente à terceira abordagem teórica, esta se baseia na teoria marxista do trabalho, no conceito de mobilidade do trabalho, ou seja, a migração está relacionada com o trabalho e produção em um dado espaço. E juntamente com o capitalismo o processo migratório se torna uma organização sócio-espacial específica que configura o sistema econômico e a redistribuição espacial. Desta forma, Gaudemar (1977) analisando Marx conclui que a mobilidade do trabalho é um processo no qual os homens sob moldes capitalistas vendem sua força de trabalho e se deslocam em busca deste por necessidades, logo a consequência deste processo é a migração.

Portanto para Gaudemar (1977, p.51) " A mobilidade do trabalho surge assim como trave mestre de toda a estratégia de desenvolvimento capitalista". Logo como o trabalhador possui a força de trabalho e este é seu " instrumento" de sobrevivência, quando há necessidade, o trabalhador migra de território em busca da sua subsistência, conduzindo assim a existência do movimento capitalista. Nesse sentido, Póvoa Neto (1997) afirma que o processo e desenvolvimento capitalista quando gera trabalhadores excedentes, acaba por consequência gerando força de trabalho demasiada, assim por falta de emprego suficiente, há a necessidade de deslocamento para se obter empregos fora do local de origem, de onde vivem os migrantes.

Desta forma a produção da força de trabalho é a aquisição da mobilidade por parte do trabalhador, para que, por meio da utilização do seu serviço braçal possa ter a circulação da força de trabalho, gerando assim o deslocamento/migração do trabalhador na atividade econômica." A mobilidade é a capacidade que permite á força de trabalho adaptar-se as variações da forma de trabalho, á permutação dos postos de trabalho, aos efeitos de uma divisão de trabalho cada vez maior". (GAUDEMAR, 1977, p. 194.)

E esse movimento ou a mobilidade dos migrantes passa a ser um elemento fundamental na construção do espaço a ser ocupado, que segundo Haesbaert (2004) está relacionado com a apropriação e dominação social, e é constituído ao mesmo tempo por pontos e linhas redes e superfícies ou áreas zonas, assim o território a ser migrado está associado com poder político.

Lefebvre (1986) portanto distingue a apropriação da dominação, no qual o espaço é feito território:

[...] a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos "agentes" que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação [...] (LEFEBRE, 1986, p.411-412).

Partindo deste raciocínio Haesbaert (2004) afirma que o território/espaço será sempre múltiplo, pois há vários territórios que estão divididos e subdivididos de acordo com o poder político de dominação e apropriação de cada espaço ocupado, logo o resultado dessa relação é um espaço descontínuo e fragmentado que possibilita a movimentação dos migrantes de um território a outro. Dessa forma:

Graças a fluidez crescente nos espaços e à dominância do elemento rede na constituição de territórios, conectando suas parcelas descontínuas, temos os fortalecimento não mais de um mosaico padrão de unidades territoriais em área, vistas muitas vezes de maneira exclusiva entre si às quais se denominam territórios-zona, mas uma miríade de "territórios-rede", marcada pela descontinuidade e pela fragmentação articulada que possibilita a passagem constante de um território a outro [...]. (HAESBAERT, 2004, p.19)



A vista disto o processo da migração é encarada como um fenômeno social, que permite o seu entendimento junto aos demais processos da sociedade, no qual o deslocamento dos migrantes de um espaço para outro território. Segundo Póvoa Neto (1997) seria apenas uma consequência do processo social, ou seja, os processos estruturais como trabalho e espaço é que movem a população, fazendo com que haja o movimento ou fluxo migratório.

Desta forma, Gaudemar (1977, p.92) afirma que " A mobilidade do trabalho como noção ligada as formas concretas de utilização do trabalho pelo capital, vai então ser necessário ponto de mira tanto em matéria de teoria como de política econômica ". Diante destes processos sobre fator produtivo de trabalho e geração de capital houve o movimento migratório japonês para o Brasil.

### ***1.2 A mobilidade do trabalho como forma de migração dos japoneses para o Brasil***

Para Gaudemar (1977), o processo migratório é uma das formas de mobilidade de trabalho, quando para sua reprodução, o capital controla e produz os fluxos migratórios, desta forma os trabalhadores com potenciais são atraídos por novas oportunidades de emprego, impostas pelas condições inerentes à sobrevivência, precisando vender sua força de trabalho, como foi o caso da vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil. Portanto, a tese de Gaudemar é da seguinte maneira: a mobilidade do trabalho é compreendida como um fenômeno que promove o deslocamento espacial, setorial e profissional do trabalhador, com o objetivo do capital explorar sua força de trabalho e acumular excedente econômico.

Sob esta perspectiva, Marx (2013) aponta dois fenômenos do processo de trabalho, enquanto uso da força de trabalho pelo capitalista. Num primeiro momento, o trabalhador está sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho e o qual determina que este trabalho e os meios de produção sejam empregados conforme seus fins. Num segundo momento, o produto do trabalho também não pertence ao trabalhador, sendo propriedade do capitalista, e da mesma forma que a força de trabalho, passa a ser uma mercadoria utilizada pelo capitalista. Portanto, cabe ao trabalhador apenas o salário pelo qual vendeu sua força de trabalho.

Para Gaudemar (1977) os fenômenos da mobilidade do trabalho estão relacionados à reestruturação industrial, à organização do território, à imigração estrangeira, à mobilidade profissional e à formação escolar. Enquanto isso, os objetivos visados pelo governo e pelo patronato são: mobilizar a mão-de-obra, dinamizá-la, e saber reconvertê-la. Assim sendo, é preciso que, de acordo com as necessidades do capital, se mobilize a força de trabalho com vistas a atingir os objetivos do momento, mas também é necessário que tal força de trabalho tenha capacidade de se reconverter e mobilizar-se em outro sentido quando novos objetivos e interesses acumulativos aparecerem. Como complementa Gaudemar (1977), a política é encorajar e desenvolver a mobilidade, dominando-a.

Tornando-se a mobilidade explicitamente um instrumento de adaptação da mão de obra, as deslocações espaciais não são aqui os únicos em causa mas, juntamente com eles, todos os modos de passagem da mão de obra disponível para as esferas de valorização do capital e todos os modos desintencificação e produtivização desta mão de obra (GAUDEMAR, 1977, p.21).

Desta forma, a mobilidade do trabalho está intimamente ligada aos processos migratórios que ocorreram no Brasil, pois foi devido a falta de mão de obra nas lavouras de café que se houve a necessidade do início da importação de trabalho dos imigrantes no país, intensificando o fluxo migratório.

No século XIX a economia do Brasil era agrícola e extremamente dependente da monocultura cafeeira. A cultura do café, por sua vez, dependia totalmente da mão de obra de escravos negros. Em 1888 segundo Sakurai (2000), atendendo a pressões políticas e movimentos humanitários, o governo brasileiro aboliu a escravidão no país, e os senhores do café tiveram que buscar soluções para a crescente falta de mão de obra. Antes mesmo da abolição da escravatura, o governo brasileiro tentou suprir a falta de trabalhadores com imigrantes europeus, mas as péssimas condições de trabalho e de vida dadas pelos patrões cafeicultores desmotivou a vinda de alguns imigrantes para o país. Desta forma, o governo brasileiro que necessitava encontrar uma nova fonte de mão de obra, passou a cogitar trazer imigrantes da Ásia.

A situação sócio-político-econômica em que se encontravam o Brasil e o Japão na segunda metade do século XIX, foi o que decidiu o início da ocorrência da imigração japonesa no Brasil. Por isto é preciso entender como se deu o processo histórico desta época.

Para Cruz *et al.* (2008) com a necessidade de mão de obra qualificada, para substituir os escravos, em 1908 se iniciou a imigração japonesa no Brasil, chegando ao porto de Santos-SP o navio Kasato Maru, trazendo do Japão os primeiros imigrantes japoneses para o país. Estes também buscavam os empregos nas fazendas de café do oeste paulista. Todos estes povos imigrantes vieram e se fixaram no território brasileiro com os mais variados ramos de negócio, como por exemplo, o ramo cafeeiro, as atividades artesanais, a policultura, a atividade madeireira, a produção de borracha, a vinicultura, etc.

Em 1880 segundo Oliveira Martins, escritor e político português, chegou a publicar argumentos contra a imigração asiática afirmando que “a perigosa tentação de ir buscar braços a outro viveiro de raças inferiores prolíficas embriaga muitos espíritos”, e concluía com “um Brasil europeu e não asiático, uma nação e não uma colônia, eis aí o seguro porvir da Antiga América portuguesa”. Entre julho e agosto de 1892, o jornal Correio Paulistano publicou artigos de Francisco Cepeda que se referia aos asiáticos com expressões como “se a escória da Europa não nos convém, menos nos convirá a da China e do Japão”, e que “o chim é bom, obediente, ganha muito pouco, trabalha muito, apanha quando é necessário, e quando tem saudades da pátria enforca-se ou vai embora”.

Handa (1987) escreve que a melhor reportagem existente sobre o que foi o desembarque destes imigrantes foi feita por um jornalista do Correio Paulistano cuja anotou da seguinte forma:

Estavam todos, homens e mulheres, vestidos à europeia. Eles de chapéu ou bonet, e ellas de sáia e camizeta pegada a sáia, apertada na cintura por um cinto, e de chapéu de senhora, um chapéu simples, o mais simples que se pode conceber, preso na cabeça por um elastico e ornado com um grampo. Os penteados fazem lembrar-nos os que temos visto em pinturas japonezas, mas sem grampos colossaes que as mesmas pinturas nos apresentam. [...] Foram os próprios immigrants que compraram as suas roupas, adquiridas com seu dinheiro, e só trouxeram roupas limpas, novas, causando uma impressão agradável. As mulheres calçavam luvas brancas de algodão[...]. (HANDA, 1987, p.4-5)

Com isto nota-se que ao contrário do que muitos pensavam estes imigrantes causaram boa impressão logo de início de sua chegada, pois se mostravam bem sociáveis, dóceis e manifestavam grande interesse em aprender a língua portuguesa, o que geralmente não ocorria com os outros imigrantes. Porém, mesmo assim os japoneses ainda não eram bem vindos ao Brasil, entretanto, quando se há necessidade de trabalhadores, governos e agenciadores

tornam-se mais convenientes e menos exigentes. Como aponta Gaudemar (1977), a mobilidade da força de trabalho surge então como uma condição necessária, senão suficiente, da gênese do capitalismo e como um índice de desenvolvimento.

Assim, embora desde 1880 já se cogitasse no Brasil a vinda de imigrantes japoneses, nenhuma ação concreta foi realizada neste sentido até 5 de novembro de 1895, quando Brasil e Japão assinaram um tratado pelo qual ambos os países passaram a desenvolver relações diplomáticas, e mesmo contrariando a opinião pública brasileira, abriram negociações para a vinda de imigrantes japoneses, que chegaria às vias de fato só a partir de 1908.

Mas o que fazia os japoneses se interessarem em ir para lugares distantes cuja população não seria bem vinda? O motivo foi que segundo Sakurai (2000), o Japão na segunda metade do século XIX foi um país de grandes transformações. Durante dois séculos e meio o Japão esteve isolado do resto do mundo, sob o controle político dos xóguns da família Tokugawa. Portanto, Ieasu Tokugawa que visava preservar a soberania nacional e a estrutura social do Japão, acaba por fechar todos os portos para os estrangeiros (com exceção dos holandeses que haviam se estabelecido na ilha de Nagasaki). Desta forma a sociedade japonesa viveu na era feudal por 12 anos, controlados pelos daimyos (senhores feudais) e a economia acabou se estagnando num sistema agrário e dependente da cultura do arroz.

A partir de 1854, com navios americanos e ingleses exigindo a abertura dos portos japoneses, o enfraquecido governo xogunal teve que ceder crescentes privilégios comerciais aos estrangeiros, o que gerou uma crise interna no Japão. Ocorrendo desta forma revoltas, no qual levaram a uma guerra civil, que culminou em 1868 com a vitória dos que queriam a restauração do poder ao imperador, e que defendiam a modernização rápida do Japão em moldes ocidentais, logo com o fim do governo xogunal o Japão teve início a Era Meiji (1868-1912). Que em 20 anos se houve a modernização Meiji no qual revolucionou o país, propiciando oportunidades para a aristocracia, que ocupou importantes cargos na nova estrutura político governamental, e para uma emergente burguesia que enriqueceu com os métodos industriais e financeiros importados do ocidente.

Ricardo Cruz (2008) afirma que com a chegada da Era Meiji a economia teve que passar rapidamente de manufatureira para industrial, já que até o início do século XX o Japão era um país tipicamente agrícola, no qual a população rural era de 80%, onde impostos

crecentes levavam mais e mais famílias à fome. Com o surgimento desta nova economia monetária, os camponeses foram obrigados a hipotecar suas terras, no qual o arrendamento das terras tomou grande parte das propriedades destes camponeses que se viram sem nenhum meio de sustento. Devido a estas condições a Revolução Meiji trouxe grande miséria para esta população que se viu sem meio de sustento, e a única alternativa que se havia na época era a emigração. Em busca de empregos e melhores condições de vida, muitos migraram do campo para as cidades, e outros migraram para o extremo norte do Japão, onde ainda haviam regiões a serem desbravadas. Entretanto, sendo o Japão um arquipélago super povoado, as opções logo se escassearam e o governo japonês passou a promover a emigração como alternativa. A primeira emigração oficial ocorreu em 1883, quando japoneses foram para a Austrália para trabalhar na pesca de pérolas. A partir de 1885 o fluxo emigratório ganhou importância, quando japoneses passaram a ir para o então reino independente do Havaí. Nos anos subsequentes, Canadá, Estados Unidos e Peru também se tornaram destino de milhares de trabalhadores nipônicos. Porém em razão da Primeira Guerra Mundial, os japoneses foram proibidos de imigrar para os Estados Unidos e Canadá, e na Austrália estes não eram bem recebidos. Logo o Brasil tornou-se um dos poucos países no mundo a aceitar imigrantes do Japão. A tabela 1 a seguir mostra os países de destino destes imigrantes japoneses para a América Central e Sul.

**Tabela 1 — Entrada de imigrantes japoneses em países da América Central e do Sul (de 1899 a 1941)**

Países da América Central e Sul	Imigrantes Japoneses
México	14.476
Panamá	415
Cuba	686
Brasil	188.986
Peru	33.070
Argentina	5.398
Chile	519
Colômbia	229
Bolívia	202
Venezuela	12
Uruguai	18
Paraguai	521
Outros	4
Total	244.536

Fonte: *WagaKokumin no KagaiHatten*(Expansão do Nosso Povo no Além-Mar). (Volume de Estatísticas). Tokyo, Ministério do Exterior, Seção Consular de Emigração, 1971.

Wakisaka, K. *et al.* (1992) abordam que somente após a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação no dia 5 de novembro de 1895 entre Brasil e Japão e o estabelecimento das relações diplomáticas é que de fato começaram a se ter a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil. Os primeiros a chegarem foram os diplomatas da legação que se instalaram em Petrópolis e em 1906 houve a primeira instalação da casa comercial japonesa em São Paulo.

Neste bojo devido às condições em que o Japão enfrentava da Era Meiji e com o Brasil possuindo a falta de mão de obra, já a bordo do navio Kasatu Maru, antes de iniciarem a jornada rumo ao Brasil o deputado Gonta Goi disse:

Vocês estão seguindo para um outro país e não devem se esquecer de que cada um representa o Japão; cada um carrega seu próprio país consigo. É necessário que todos se encarreguem de não manchar a honra japonesa ou o nome da sua pátria. Se não forem capazes de viver condignidamente, não pensem em voltar – tenham vergonha disso e morram por lá...(CRUZ et al., 2008, p.20)

Assim sendo foram com estas duras palavras de despedida que em 18 de julho de 1908 aborda no porto de Santos o navio Kasatu Maru como mostra a imagem 1 a seguir, com

milhares de imigrantes japoneses, no qual segundo Handa (1987) no navio haviam 800 imigrantes, entre os quais 781 estavam sob contrato e outros por livre espontânea vontade. Foram 51 dias de viagem.

**Imagem 1: Navio KasatoMaru no porto da cidade de Santos – São Paulo.**



Fonte: Almanaque do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2008.

Para Cruz *et al.* (2008) no dia seguinte ao desembarque as famílias de imigrantes foram levadas de trem via São Paulo Express, até a cidade de São Paulo rumo a Hospedaria do Imigrante, no qual de lá seriam enviados para as fazendas de café. Antes do fim de julho os imigrantes japoneses foram encaminhados para as lavouras dos cafeicultores, em especial para seis mais importantes fazendas como mostra a tabela 2 a seguir.

**Tabela 2: Número de Famílias e pessoas distribuídas em cada fazenda de São Paulo.**

Fazenda	Famílias	Membros	Avulsos
Dumont (Mogiana)	51	210	18
Floresta (Ituense)	24	173	3
Canaã (Mogiana)	24	151	1
São Martinho (Paulista)	27	101	13
Guataparã (Paulista)	23	88	4
Sobrado (Sorocabana)	15	49	1

Fonte: Uma epopéia moderna: 80 Anos de Imigração Japonesa no Brasil. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. São Paulo, 1992. Organização: Erika Yumi Satake, 2014.

A maioria dos imigrantes japoneses tinham a pretensão de enriquecer no Brasil e voltar ao Japão em, no máximo, três anos. O enriquecimento rápido em terras brasileiras, porém, mostrou-se impossível ao se depararem com uma realidade totalmente diferente daquela que lhes foi prometido. (CRUZ *et al.*, 2008). Além dos baixos salários, os imigrantes ainda tinham descontado do pagamento a passagem e precisavam comprar tudo o que consumiam do fazendeiro para quem trabalhavam. Em pouco tempo se viam endividados. Com isso, a geração nascida no Japão foi a que teve mais dificuldade de adaptação ao Brasil em razão do idioma, hábitos alimentares, vestuário, modo de vida e diferenças climáticas encontradas.

Como pretendiam voltar ao Japão, os imigrantes não se preocupavam em se integrar ao Brasil. Por isso, uma parcela considerável nunca aprendeu a falar o português.

Todos esses fatores juntos geraram um desestímulo enorme ao trabalhador japonês. As famílias se desestruturaram e muitos morreram de fome por não conseguirem comer o que lhes era oferecido. Alguns não aguentaram a depressão e a saudade de casa e se entregaram à bebida, desistindo do sonho inicial (CRUZ *et al.*, 2008, p.23).

Com o decorrer do tempo e com os problemas de adaptação permanecendo, foi notável que o destino dos japoneses no Brasil era de permanecer nas cidades. Por conta disto e com a Primeira Guerra Mundial acontecendo o processo imigratório destes descendentes entrou em decadência.



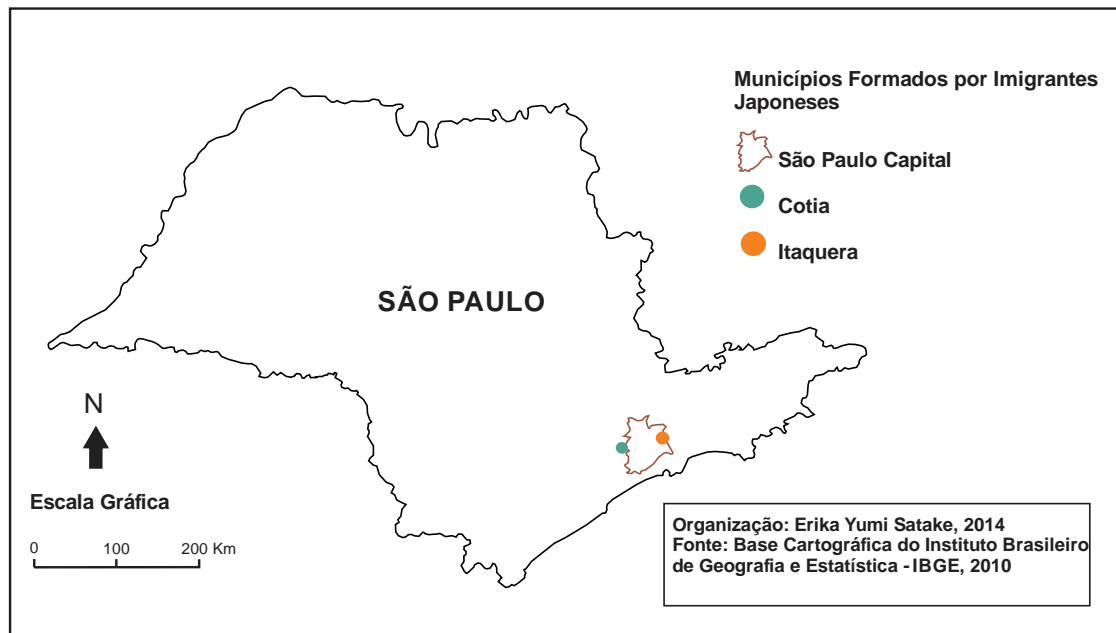
Com o desestímulo já existente em razão da repercussão das levas anteriores de imigrantes somado às novas leis, a entrada de japoneses no Brasil diminuiu bastante. Os números só voltaram a crescer décadas depois, com o fim da Segunda Guerra Mundial (CRUZ et al., 2008, p.25).

Destarte disso, como Brasil e Japão haviam um tratado firmado, e devido o Japão estar em péssimas condições após a guerra, muitos imigrantes japoneses vieram para o país com a ideia de fixar moradia definitivamente. Muitos imigrantes começam a chegar neste período, atraídos por parentes que já tinham imigrado. Na década de 1930, o Brasil já abrigava a maior população de japoneses fora do Japão, muitos imigrantes nipônicos continuaram a chegar neste período, muitos deles atraídos pelos parentes bem sucedidos que já tinham anteriormente emigrado. Logo, a primeira geração nascida aqui não era muito diferente dos pais. Ainda dominados pelo desejo de regresso ao Japão, os imigrantes educavam seus filhos dentro da cultura japonesa. As crianças frequentavam escolas japonesas fundadas pela própria comunidade e a predominância do meio rural facilitou esse isolamento. Já a segunda geração de japoneses no Brasil descobriu que retornar ao Japão agora seria impossível.

Nos primeiros sete anos de imigração japonesa, chegaram ao Brasil cerca de 3.434 famílias, ou seja, quase 15 mil pessoas. Entre 1917 e 1940, foram mais 164 mil japoneses, dos quais 75% vieram para São Paulo. A maior parte dos imigrantes chegou no decênio 1920-1930, mas o foco não era mais apenas as plantações de café. Eles também buscavam trabalho no cultivo de morango, chá e arroz. O governo japonês também queria a expansão da etnia e da cultura para outros lugares do mundo, especialmente nas Américas, a começar pelo Brasil.

Com a chegada destes imigrantes e a não adaptação ao duro trabalho nas fazendas de café, muitos fugidos tentaram a sorte na capital paulista. Sendo assim, após três anos da chegada do navio *Kasatu Maru*, os primeiros agricultores japoneses começaram a se estabelecer na região da cidade de São Paulo (CRUZ *et al.*, 2008). Segundo este autor, as famílias que se instalaram nas cidades se deram bem com o cultivo de batatas, hortaliças e frutas. Logo como São Paulo estava passando pelo processo de crescimento industrial a produção de hortifrutigranjeiros foi incentivada por estes pioneiros. Com isto novos núcleos foram formados, como é o caso da cidade de Cotia e Itaquera, como mostra a figura 1 a seguir.

**Figura 1: Núcleos formados por imigrantes japoneses no Estado de São Paulo**



Fonte: IBGE 2010. Organização Satake, Erika Yumi 2014.

Os imigrantes ainda se deslocaram para a região de Campo Grande (SP) que ofertavam bons salários e com pouco tempo conseguiram investir em propriedades ao redor da cidade para o plantio de verduras e legumes. Alguns imigrantes conseguiram em 1929 através do Projeto de Colonização Japonesa na Amazônia do governo paraense a doação de 500 mil hectares de terra para a colonização.

Segundo Cruz *et al.* (2008) o cultivo de arroz foi a motivação da colonização nipônica ir para Minas Gerais, que trabalhava por parcerias agrícolas ou pelo arrendamento de terras para o cultivo. O sucesso desta iniciativa pode ser constatado por meio do agricultor Masuo Nakano que em 1933 colheu mais de 4 mil sacas de arroz em uma área de 50 alqueires.

O Litoral Paulista como Santos e São Vicente também foram as regiões em que os imigrantes se instalaram posteriormente. Em 1925 Santos contava com 406 famílias japonesas, 1.632 pessoas que se dedicavam a pesca e cultivo de hortaliças. Houve ainda a colonização na região do Vale do Paraíba, quando em 1912 o Estado de São Paulo e a empresa paraestatal de colonização Sindicato de Tóquio, assinaram um contrato para a concessão de 50 mil alqueires de terra (CRUZ *et al.*, 2008).

Sousa (2008) ressalta a importância dos imigrantes japoneses no Oeste Paulista devido ao sucesso da produção do algodão, que vieram para determinados lugares, como Lins, Birigui, Marília, Pompéia, Bastos e Presidente Prudente por exemplo, para o cultivo desta cultura. Portanto, "foram eles os principais compradores de terrenos postos à venda pelos fazendeiros e, também, foram os que forneceram o grosso dos arrendatários e dos meeiros" (MONBEIG, 1984, p. 289). No entanto, a principal contribuição para o desenvolvimento dos imigrantes nipônicos no Oeste Paulista (seja no assentamento populacional ou na compra de sua produção) foi o capital japonês investido pelo Governo do Japão.

A imigração japonesa realizou-se com o apoio do governo nipônico e a produção de algodão dos pequenos proprietários e arrendatários foi incrementada e financiada por empresas japonesas que adquiriu o produto beneficiando-o e encaminhando-o para o Japão (VIEIRA, 1973, p. 68).

Desta forma o mercado de terras foi bem organizado pelos loteadores, as grandes fazendas eram fragmentadas e organizadas em glebas. As pequenas propriedades poderiam ser compradas já na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, com isso muitos nipônicos adquiriram os seus primeiros lotes rurais perto dos patrícios, devido à facilidade e agilidade dos diversos corretores de terras (SOUSA, 2008, p.35).

Sendo assim, para este autor as principais colônias japonesas no Oeste Paulista surgiram de grandes empresas de colonização como 1) Fazenda Bastos, localizada no município de Bastos; 2) Fazenda Aliança I e II, no atual município de Mirandópolis; e, 3) Fazenda Tietê, localizada no atual município de Pereira Barreto.

Em 1913 em Cambará foram registrados conforme afirma Cruz (2008) os primeiros imigrantes japoneses a se estabelecerem no estado do Paraná. Em 1930, a Companhia de Terras Norte do Paraná iniciou o loteamento de 550 mil alqueires que abrangiam a região de Jataí, Londrina e Maringá. E em 1931 chegaram às três primeiras famílias para desbravar as terras até então não ocupadas, e plantaram primeiramente arroz e milho para a própria subsistência. Só após cultivaram o plantio no café e algodão.

### ***1.3 A trajetória da colonização e migração japonesa para o Norte Paranaense***

Para Benatti (1997) o processo de ocupação do Norte do Paraná teve início no final da década de 1920, já que desde o século XIX o Paraná "via-se impossibilitado de investir e desenvolver o processo de ocupação de suas terras devolutas". Esse contexto foi provocado pela própria economia desenvolvida pelo Estado, fundamentadas nas grandes propriedades criatórias auto suficientes e no extrativismo (madeira e erva-mate), uma economia que na época apresentava baixa lucratividade. Conseqüentemente, os recursos destinados não eram suficientes para o investimento na ocupação e exploração das terras devolutas. O governo sem recursos para promover esse investimento nas primeiras décadas do século XX, transferiu essa responsabilidade para as empresas privadas que tinham interesse em adquirir terras no Norte do Paraná.

Segundo Arias Neto (1998) a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) era subsidiária da empresa inglesa, Paraná Plantations Syndicate, que tinha sede em Londres. De iniciativa privada, seu objetivo era desenvolver e ocupar os chamados “vazios demográficos” existentes no território do Paraná. No ano de 1928, a empresa adquiriu, também, a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que conectava Cambará a Ourinhos, no Estado de São Paulo.

No primeiro momento, pode ser identificada a ideia de ocupação de *Terra da Promissão*, imagem construída por meio da crônica e da propaganda promovida pela CTNP, como se pode perceber no trecho:

Este moderno semanário, apresenta-se hoje em publico. Elle vem desataviado de presunções. Pequeno e tímido, como quem avança os primeiros passos em terreno desconhecido, Paraná-Norte pede o amparo de todos que habitam esta grande zona que é o norte do Paraná, e onde elle vae agir no sentido de propagar-lhe a riqueza, concretizada na fertilidade inegalavel do seu soplo – regado pelo mais formoso systema hydrographico que se pode imaginar – no esforço hercúleo dos desbravadores de suas mattas e no pulso forte e rijo de seus trabalhadores ruraes, que na ancia do progresso colectivo, não medem sacrificios para a grandeza deste pedaço da terra americana, onde várias raças se misturam na mais comovedora das harmonias (PARANÁ-NORTE, 09/10/1934, p. 1).

Desta forma o jornal “Paraná-Norte” atuava como o arauto dos interesses da Companhia, sendo subvencionada pela mesma (ARIAS NETO, 1998). E como resultado dessa propaganda, ocorreu uma rápida ocupação dessas terras. A possibilidade de trabalho e o pagamento facilitado para a compra dos lotes atraíram pessoas de diferentes proveniências,

etnias e nacionalidades, sobretudo agricultores arrendatários e colonos, imigrantes europeus e asiáticos (LIMA, 2000). Como mostra a imagem 2 a seguir no qual a CTNP, investia em propagandas para colonizar a região.

**Imagem 2: Anúncio publicado em 1 de abril de 1934 no jornal "O Estado de São Paulo"**

**PADRAO DE TERRA BOA**



**O**LHE para a photographia acima. É uma pequena amostra da fertilidade das terras do norte do Paraná. A gigantesca figueira que jaz por terra, ao lado de cujo tronco os homens tornam-se pigmeus, é padrão de terra boa, de terra virgem, que dá em troca de quem a cultiva prosperidade e riqueza. Lá tudo é grandioso, o trabalho remunerador, o clima saluberrimo. É a região do proximo futuro, a região de quem ambiciona tirar do solo o que de melhor elle pode dar.

Solicite informações detalhadas á Rua 3 de Dezembro, 48, Antigo 12 - Caixa Postal, 2771 - São Paulo

**CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ**

Fonte: In: Reclames do Estadão: CTNP (1934). [acesso em: 12/10/2014]

A partir de 1939 o governo do Estado decidiu promover também, a venda de terras deste território que ainda faziam parte de seu patrimônio. Em outubro de 1939, a CTNP anunciava em propaganda de jornal, que até aquela data, a Companhia havia vendido 56.200 alqueires a aproximadamente 5.000 compradores (PARANÁ-NORTE, 1939, p.6).

Conforme Oguido (1988), o número de compradores de terras por etnia era assim distribuído: 1823 brasileiros, que eram maioria, 611 italianos, 533 japoneses, 510 alemães, 303 espanhóis, 218 portugueses, 193 poloneses, 172 ucranianos e 138 húngaros. Estes constituíam os grupos étnicos mais representativos entre os proprietários de terras no município até 1938. Havia também, porém em número menor, compradores de outras etnias como tchecoslovacos, russos, suíços, austríacos, lituanos, iugoslavos, romenos, ingleses,

sírios, argentinos, dinamarqueses, australianos, norte-americanos, suecos, franceses, belgas, etc. Nesta diversidade de etnias foi se delineando um espaço multiétnico. Sendo assim, os imigrantes japoneses foram o terceiro maior grupo étnico no qual adquiriram terras no Norte Paranaense.

Diante disto dentro do plano de colonização da Companhia de Terras Norte do Paraná, foram demarcadas as cidades de maior importância a cada 100 quilômetros. Entre estas, vários núcleos urbanos foram se formando (ROLIM, 1999). Entre estas cidades segundo a CTNP polos surgiram com distância aproximada de dez quilômetros umas das outras, tornando possível o abastecimento dos sítios e fazendas existentes em seus arredores, assim como possibilitando a comercialização da produção agrícola. E a partir da década de 1940, a região Norte do Paraná passou a ser identificada com o café, pois teve início a sua produção em larga escala.

Em 1944, a Companhia de Terras Norte do Paraná foi vendida ao grupo paulista Vidigal/Mesquita e passou a denominar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP. Neste período, grandes fazendeiros paulistas, produtores de café, se dirigiram para a região em expansão. E devido os preços do café começarem a melhorar, e com o final da Segunda Guerra, em 1945, formaram-se as primeiras fortunas, com o grande aumento dos preços do produto. A riqueza do café associada à fama da terra roxa, atraíram “milhares de pessoas que foram atrás do dinheiro sobre o qual, naquelas terras, começava-se a andar” (ARIAS NETO, 1998, p. 101).

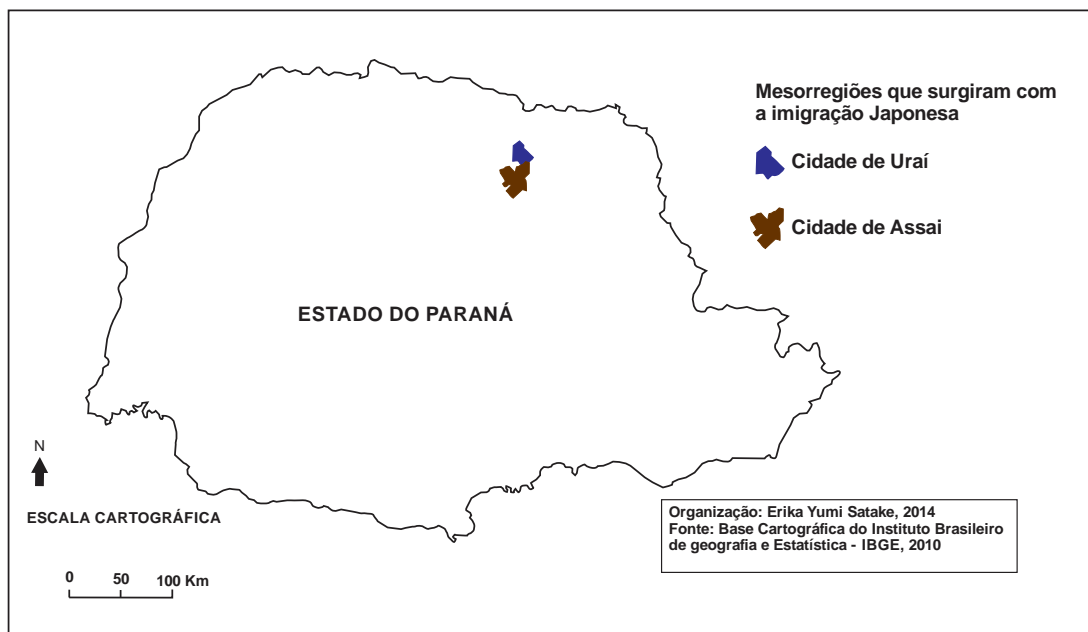
Segundo a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná a área rural seria cortada por estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada de acesso e fundos para um ribeirão. Na parte alta, apropriada para plantar café, o proprietário da gleba desenvolveria sua atividade agrícola básica: cerca de 1500 pés por alqueire. Na parte baixa construiria sua casa, plantava sua horta, criaria os seus animais para consumo próprio, formaria seu pequeno pomar. As casas de vários lotes contíguos, alinhados nas margens dos cursos d’água, formariam comunidades que evitassem o isolamento das famílias e favorecessem o trabalho em mutirão, principalmente na época da colheita do café.

Por tudo isso, a região norte do Paraná tornou-se um espaço com excelentes perspectivas para o imigrante japonês realizar o projeto que havia dado origem a sua saída do Japão, assumir uma nova condição, a de pequeno proprietário independente.

Porém, também houve segundo Padis (1981) outro fator de atração desses imigrantes para a região, no qual teria sido a atuação da companhia japonesa Yugen Sekinin Buraziru Tokosyoku Kumiai-BRATAC, que instalava os pequenos proprietários em terras de qualidade e se responsabilizava pela assistência médica, pelo repasse de técnicas agrícolas e subsídio financeiro.

Para isso o objetivo da BRATAC era fazer com que os imigrantes japoneses se espalhassem em todo o território nacional organizados social e economicamente, além de desenvolverem as demais atividades no processo de colonização; isto, com vistas em direcionar a produção das colônias japonesas do Brasil para o mercado exterior, em especial, fornecendo matéria prima para a indústria japonesa. Em 1931, essa companhia instalou imigrantes japoneses em vastas áreas destinadas ao cultivo de algodão. Diante disto como mostra a figura 2, surgiria na região às cidades de Uraí e Assaí.

**Figura 2: Primeiros núcleos urbanos ocupados por migrantes japoneses no Estado do Paraná.**



Fonte: IBGE 2010. Organização Satake, Erika Yumi 2014.

Estas duas cidades:

[...] são apenas dois exemplos do que foi a penetração dos imigrantes japoneses no Paraná, Estado que abriga o segundo maior continente de nipônicos e seus descendentes no país. São cerca de 160 mil povoando inúmeras cidades paranaenses. As maiores concentrações estão em Londrina, Curitiba, Maringá, Assaí e Uraí. (OGUIDO, 1988, p.51)

Desta forma a Companhia *Nambeï Tochi Kabusshiki Kaisha*, adquiriu do Estado do Paraná 10.000 alqueires de terras no vale do Rio Congonhas. Onde esta empresa colonizadora com um grande contingente de imigrantes japoneses no dia 5 de maio de 1936, iniciou a fundação de um núcleo populacional dando origem a Piquiri, atualmente Uraí – em português significa “sol poente”. A presença de imigrantes japoneses em vários municípios do norte paranaense pode ser explicada por alguns motivos: pela insatisfação pessoal nas fazendas de café em São Paulo, pelo desejo de enriquecer e retornar ao país de origem, pela fama da grande fertilidade das terras paranaenses, pela presença expressiva de compatriotas reunidos em colônias, pelas facilidades em tornarem-se proprietários e pela proximidade de São Paulo com o Norte do Paraná, pois muitas das fazendas paulistas que contavam com imigrantes japoneses ficavam próximas ao Norte paranaense (SATO,1999).



Para Oguido (1988) a entrada dos imigrantes japoneses no Paraná aconteceu antes da colonização do Norte do Estado e esta foi apenas se intensificando a partir do processo de incentivo do governo de colonizar aquela região. Há registros históricos de que em 1909 chegaram em Curitiba os primeiros imigrantes nipônicos. Estes diferentes dos demais imigrantes ao desembarcarem em Santos, foram para a região de Curitiba fixar residência:

[...] enquanto quase todos são levados para as lavouras cafeeiras no interior do Estado de São Paulo, Jintaro Matsuoka e Eihati Sakamoto, originários da Província de Kumamoto, percorrem a pé o caminho que os levou até Curitiba, passando pelo Município de Registro. A viagem durou 45 dias e ambos fixaram residência na Capital (OGUIDO, 1988, p.55-56).

E sob esta perspectiva Oguido (1988) aponta que em 1924, Ryu Mizuno, um dos responsáveis pela imigração japonesa no Brasil, escolheu a cidade de Curitiba para se fixar, e idealizar a vinda dos japoneses para o país. Logo Curitiba é o ponto inicial de escolha destes imigrantes no Estado Paranaense. Enquanto que o segundo local a receber estes nipônicos foi o município de Ribeirão Claro, localizado no Norte Pioneiro do Paraná.

Ainda para Oguido (1988), Londrina foi na sequência a terceira cidade a ser ocupada por japoneses, possuindo um papel fundamental para que houvesse a vinda destes imigrantes para a Região Norte do Estado.

[...] foi Londrina, a partir de 1930, foi o ponto central da evolução japonesa no Norte do Estado. [...] a fronteira aberta com o início da colonização do chamado Norte Novo foi decisiva para ampliá-la e consolidá-la. Do ponto de vista global, o número de colonizadores japoneses ocupou o quarto lugar na escala dos compradores de terras na região[...] (OGUIDO, 1988, p.53).

Sendo assim segundo Oguido (1988) em 1930 onze compradores japoneses deram início a exploração até suas terras demarcadas no mapa da Companhia Colonizadora. Assim sendo, as famílias pioneiras após se instalarem e montarem uma colônia chamada Ikku começaram a plantar o café na região, no qual tempos depois este cultivo veio a se tornar o principal produto da colonização Norte do Paraná, servindo desta forma para um incentivo maior ainda para a vinda de novos imigrantes para o Estado. Desse modo, foram chegando mais imigrantes japoneses na região de Londrina, que posteriormente foram criando novas colônias no qual todas elas possuíam como objetivo organização para ajuda mútua entre os imigrantes." Assim surgiram a Colônia Central, a Seção Palhano, Colônia Daí-Nikku e Seção

Frazer. E cada uma delas tem a sua história, a sua maneira peculiar, os seus pioneiros, as suas associações e suas escolas [...]”(OGUIDO, 1988, p.100).

Portanto, com o incentivo da Companhia Colonizadora e devido ao plantio do café no qual era propício na época para se ter sucesso, os imigrantes começaram vir para o Estado do Paraná e colonizar a região norte do Estado.

## 2. A VINDA DOS IMIGRANTES JAPONESES PARA A CIDADE DE MARINGÁ

### *2.1 Maringá: polo de atração dos imigrantes nipônicos*

A cidade de Maringá foi planejada e fundada pela empresa Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, obedecendo a um plano urbanístico previamente estabelecido, no qual as praças, ruas e avenidas foram demarcadas considerando, ao máximo, as características topográficas de cada área escolhida, revelando assim uma preocupação no que se refere à proteção de áreas verdes e vegetação nativa na época.

Portanto uma das versões do nome da cidade ter surgido segundo Andrade Neto (1979) foi devido os pioneiros imigrantes que vieram com a tarefa de abrir caminhos na região do Maringá Velho estarem sempre cantando a música Maringá de Joubert de Carvalho noite e dia, durante suas horas de trabalhos. Por isto o apelido da cidade advém de "Cidade Canção".

E o homem rude, alquebrado pelo esforço despendido, começava a pensar nos seus familiares deixados em longínquos rincões deste imenso Brasil. E para minorar o seu sofrimento passa o nosso pioneiro a cantarolar a canção "Maringá", de Joubert Carvalho, que obtinha naquela época um sucesso extraordinário em todo Brasil. E como canção de ninar ela pôde embalar o sono dos primeiros artífices da grande Maringá. (ANDRADE NETO, 1979, p.62)

Nasceu Maringá, portanto, em 10 de maio de 1947, como Distrito de Mandaguari. Em 1951 foi elevada a Município, com os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba. Em 1954 foi instalada a Comarca de Maringá. A cidade nasceu na prancheta de desenhos do Arquiteto e Urbanista Jorge de Macedo Vieira, paulista, responsável por projetos como o Jardim América, de São Paulo e Águas de São Pedro, na região de Piracicaba. Contratado pela Cia. Melhoramentos Norte do Paraná, Jorge de Macedo Vieira jamais esteve aqui e, no entanto, criou um projeto considerando na época, 1945, como um dos mais arrojados e modernos, seguindo apenas a orientação da CMNP que exigia largas avenidas, muitas praças e espaços para árvores. A preocupação com o meio ambiente e a qualidade de vida da população local também estiveram presentes no planejamento do urbanista, que desenhou dois "pulmões verdes" dentro da cidade, o Parque do Ingá e o Bosque II, que seria rebatizado, em 1983, como "Parque Florestal dos Pioneiros" pela Lei Municipal 1.649/83.

A cidade foi planejada para ser uma cidade de 200 mil habitantes, hoje já com número muito superior com 357.077 habitantes (IBGE/2011), Maringá transformou-se num grande centro de convergência econômica e esse sucesso deve-se em grande parte ao traçado urbanístico original que previa zona industrial, zona comercial e zonas residenciais. Sua Região Metropolitana conta com 679.324 habitantes (IBGE/2013), com uma população Urbana de 97,48 % e Rural com 2,52 %.

A taxa de Crescimento da cidade é de 1.86% ao ano, no qual o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.84, sendo o 6º maior do estado e 67º em âmbito nacional. A cidade ainda apresenta renda *per capita* de R\$ 10.237,00 (IPARDES/IBGE/2004), uma densidade demográfica 666,89 hab/km<sup>2</sup> (IPARDES/2006). E a taxa de alfabetização de Maringá é de 95,1% .

Logo a cidade por se localizar em uma região propícia possui um solo de grande fertilidade e o clima é subtropical com chuvas de verão e inverno seco. Assim Maringá, possui uma concentrações de área verde – 26,65 metros quadrados – por habitante.

## ***2.2 A presença japonesa em Maringá***

As condições naturais do clima e a fertilidade do solo da região de Maringá foi o grande atrativo para a expansão do café no norte do Paraná. Portanto segundo Andrade Neto (1979) foi o café o responsável pelo desenvolvimento e colonização do norte paranaense, juntamente com o trabalho realizado da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Por tudo isso a imigração japonesa contribuiu decisivamente na formação e colonização da cidade de Maringá. Para Oguido (1988) a cidade, junto com Londrina, Curitiba, Assaí e Uraí detém um dos maiores contingentes de japoneses do Estado do Paraná. Segundo este autor a chegada dos pioneiros japoneses em Maringá, antecedeu ao planejamento da cidade como município, pois foi em 1939 que Mitsuzo Taguchi agricultor, vem de Araçatuba, devido ao incentivo de um projeto no qual propiciava melhores perspectivas de vida no norte paranaense.

Nesta perspectiva, Mitsuzo Taguchi adquire um lote de 20 alqueires em plena mata virgem e inexplorada, na localidade denominada de Gleba Guaiapó, próximo ao povoado de Marialva. Mitsuzo Taguchi e mais seus dois filhos Yoshinori e Toaro Taguchi, portanto em 9 de junho de 1939 retornam as terras compradas e abrem picadas mata a dentro. Erguem um barraco de palmito para se abrigarem da chuva e acomodar os pertences de ferramentas de trabalho (OGUIDO, 1988).

Em 28 de agosto como afirma Oguido (1988) juntam-se aos Taguchi, Mitsututi Tokuda e Keiji Tanabe e assim dão início ao desmatamento do lote para em seguida começarem a cultivar nas terras. Porém, os primeiros anos ali estabelecidos não foram muito bons para aqueles pioneiros, pois as chuvas constantes e o período de seca acabaram prejudicando as lavouras." Mesmo assim, a Seção Guaiapó recebeu mais uma família em 1941, a de Hikoma Inoue, que chegou para também explorar a atividade agrícola" . (OGUIDO, 1988, p.187)

Segundo Oguido (1988), em agosto de 1941 ainda chegam mais três famílias para fundarem a segunda comunidade japonesa, que foi a Seção Morangueira. Chegaram às famílias Fusakiti Kuramoto, Yoshinori Kubota e Takuti Kubota. Por não haver estradas e outros meios de comunicação, isto impedia com que as famílias recém-chegadas ficassem sabendo de que já havia a existência de outro núcleo colonizador de japoneses no local. Somente um ano depois é que estas foram descobrir que não estavam sozinhos.

O pioneiro da fotografia também chega em Maringá em 1941, o fotógrafo Shizuma Kubota, no qual se instalou no núcleo urbano que se formava e acabara montando um estúdio fotográfico.

Em 1945 segundo Alonso (2008) chegam "os comerciantes de origem japonesa que se estabeleceram nos mais diferentes ramos de atividade, prestação de serviços e profissionais liberais." Ainda neste ano a colônia japonesa de Maringá funda a Associação de Jovens com 13 associados no qual o nome era de Maringá Seinen Kai, e a partir de 1946 a associação começa a incentivar a prática dos esportes de atletismo e baisebol.

Ainda neste ano de 1946 segundo Oguido (1988) as famílias Akira Nakashima, Shigueru Fujii, e família Buitiro Inamura se instalam na cidade. A família Akira Nakashima

mudando-se para a cidade instala o primeiro hotel da cidade de Maringá, o Hotel São Paulo. E assim foram chegando mais e mais famílias japonesas que se espalharam pela cidade e fundaram vários outros ramos do comércio, desde relojarias, serrarias, armazéns de cereais, sorveterias, farmácias, entre outros. Logo de 1945 á 1960 na cidade se estabeleceram cerca de 163 comerciantes japoneses.

Em 1947 com o fim dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, as famílias residentes em Maringá, destacando as principais famílias Akira Nakashima, ShigueruFujii, e família Buitiro Inamura acabam por fundar a Associação dos Moradores, possuindo como presidente o então pioneiro Mitsuzo Taguchi, e como chefes de seção Shigueo Arai, Shigeru Fujii e Senjiro Komiyama. Já no ano seguinte como o número de famílias nipônicas estava aumentando e estas estavam se mudando também para a área urbana, a Companhia de Terras Norte do Paraná doou um lote de dois alqueires para que a comunidade pudesse construir a sua própria associação e campo de esportes (OGUIDO, 1988, p.189).

Desta forma visando arrecadar fundos para a realização das obras para a associação, uma comissão influenciada por Yoshio Hayashi faz campanha para conseguir recursos para a construção. E em 1949 se inaugura com mais de 100 famílias associados, sendo que no ano seguinte a Associação inicia as aulas de língua japonesa, sob a coordenação de Akira Nakagawa.

Conforme Oguido, em 1954, Maringá conquista a categoria de Comarca e na comunidade nipônica é fundada a Associação das Senhoras o Fujin-Kai. E após três anos, em 02 de junho de 1957 é realizada uma grande festa do 10º aniversário da Associação dos Moradores de Maringá, no qual cinco anos depois altera o nome para Associação Cultural de Maringá, possuindo como presidente Hatsutaru Suziki. E em 1963 o departamento de Cultura é fundado na cidade.

Dez anos depois, em 1973 a Associação Cultural de Maringá (ACEMA) funde-se com a Sociedade Esportiva de Maringá (SOCEMA), fazendo originar uma nova denominação que foi a de Associação Cultural e Esportiva de Maringá – atual ACEMA.

Portanto após a nova denominação da atual associação, houve-se novos acordos entre o clube e o governo japonês.

[...] no ano de 1973 em uma sessão solene realizada na Câmara Municipal, os então prefeitos Sadao Inaoka da cidade de Kakogawa-Japão e Silvio Magalhães Barros, de Maringá, firmam o tratado de co-irmandade entre estas duas cidades. Mais de 20 mil quilômetros separam as cidades com o fuso horário de 12 horas. Kakogawa, cidade jovem de 31 anos, com 280 mil habitantes, localizada na Província de Hyogo, há 31 anos vem mantendo um perfeito intercâmbio comercial, econômico e cultural com Maringá (ALONSO, 2008, p.218).

No dia 20 de junho de 1978, há um acontecimento considerado inédito na história da comunidade japonesa brasileira e maringense, pois vem para a cidade o Príncipe Akihito e a princesa Michiko da família imperial japonesa, além do presidente Ernesto Geisel, que vieram para o solene ato de lançamento da pedra fundamental da nova sede da Associação Cultural e Esportiva de Maringá – ACEMA. No qual é uma entidade totalmente integrada com o contexto sócio cultural da cidade. (OGUIDO, 1988). O casal imperial ainda participou da comemoração do 70º aniversário da imigração japonesa no Brasil.

Assim sendo, para Alonso (2008) em 1980 se concluiu a construção da nova sede da associação com uma área de 2.000 m<sup>2</sup>. E em 1983 foi aprovada a construção da Casa dos Estudantes (CEA) na Associação.

Em 1983 é fundado o Templo Nippakuji que é um templo budista e conhecido também como ponto turístico da cidade, como mostra as imagens 3e 4 a seguir. No qual a responsável pela doutrina budista Jodoshu é a monja Teisho Inabe. O templo também é responsável por administrar o asilo Wajunkai que abriga idosos de descendência nipônica na cidade.

**Imagem 3: Templo Budista Jodoshu Nippakuji de Maringá**



Fonte: Templo Budista Jodoshu Nippakuji [acesso em: 18/10/2014]

**Imagem 4: Interior do Templo Budista Jodoshu Nippakuji de Maringá**



Fonte: Templo Budista Jodoshu Nippakuji [acesso em: 18/10/2014]

Segundo a reportagem o Diário de Maringá IMIN 100 – Japão e Maringá uma amizade que atravessa o Tempo (2008), quase 20 anos após a chegada dos primeiros imigrantes na cidade, os japoneses e descendentes já eram milhares na cidade. Em 1958 foi realizado pelo IBGE um Censo da Colônia Japonesa no Brasil e foi contabilizado em Maringá



5.522 nikkeis, que são os japoneses que saíram do Japão e passaram a residir aqui no Brasil. E ainda segundo uma estimativa em 2008 a população nipo-brasileira na cidade seria de 15 mil habitantes, cerca de 4% da população da cidade. Desta forma a comunidade só veio a aumentar e se instalar em várias áreas da economia, ajudando no fluxo do capital da cidade. Além da influência cultural que a cidade possui em relação a estes imigrantes.

Diante da influência japonesa na cidade, recentemente Maringá ganhou um grande complexo turístico que é o Parque do Japão - Memorial IMIN 100, que em 2006 surgiu o projeto com a finalidade de homenagear todos os imigrantes japoneses que se estabeleceram na cidade de Maringá (PR). Em 10 de maio de 2006, a prefeitura de Maringá e a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) lançaram a pedra fundamental para a construção do Parque do Japão. O espaço foi doado para disponibilizar alguma das formas de expressão mais significativas da milenar cultura japonesa, possuindo lagos, árvores e construções com arquitetura japonesa, a área ocupa cerca de 100.000m<sup>2</sup>. O parque ainda foi construído com materiais vindos do Japão exclusivamente com a finalidade de harmonizar e embelezar o local, no qual os materiais trazidos foram tijolos, pedras, entre outros. Desta forma é possível observar nas imagens 5 e 6 como o parque possui uma harmonia entre os elementos, e que tudo foi pensado e planejado antes de construir e ser colocado no local.

### **Imagem 5: Parque do Japão**



Fonte: Parque do Japão, Maringá – PR. Adriana Suziki, 2013.

### Imagem 6: Parque do Japão



Fonte: Parque do Japão, Maringá – PR. Adriana Suziki, 2013.

Desta forma se nota as marcas da imigração japonesa que é muito forte por que há desde grandes empreendedores, como imobiliárias, lojistas, escolas associadas ao Japão, agricultores, vários restaurantes, praças, esportes, associações, nomes de ruas, e festas específicas que cultivam e guardam a essência da cultura japonesa trazida pelos primeiros imigrantes que chegaram em Maringá. Sob esta perspectiva se nota como a cidade sofreu e ainda sofre influência destes imigrantes nipônicos e seus descendentes, que se estabeleceram e se adaptaram na região de Maringá. E fizeram daqui a sua segunda casa depois do Japão, trazendo um pouco de seus costumes e hábitos de vida.

### **3. O TERRITÓRIO DOS IMIGRANTES JAPONESES: A HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ – ACEMA**

Na atualidade o território por ser um espaço descontínuo, de acordo com Haesbaert (2004) acaba por incorporar o fluxo de pessoas, pois os processos estruturais econômicos levam os imigrantes a se moverem em busca de trabalho e melhores condições de vida de seu país de origem. Desta forma se fazendo um recuo histórico sobre o processo migratório destes japoneses nota-se que foi difícil de início a sua adaptação, devido a fatores climáticos, diferença de alimentação, discriminação por não saberem se comunicar devidamente, entre outros. Diante de tudo isso, aos poucos eles foram se adaptando e traçando novos caminhos até chegarem às condições atuais de hoje, com boa inserção no mercado e estabilidade econômica.

Portanto após a vinda do primeiro imigrante japonês para a cidade de Maringá, segundo Alonso (2008) os moradores já estabelecidos das Vilas Sarandi, Guaiapó, Morangueira, Cosmos e Romeira formaram uma Associação de Moradores, no qual possuíam como presidente Yoshio Hayashi. Em 1947 a comunidade possuía mais de 100 famílias, logo, notando-se o aumento do número de famílias na cidade, surgiu à ideia de então fundar uma entidade representativa de moradores, no qual de início se chamou Maringá Nipponjinkai, que foi o "germe" para a criação da Associação Cultural e Esportiva de Maringá – ACEMA.

A entidade fundada em 18 de junho de 1947 teve como fundadores e idealizadores os senhores: Jinroku Kubota, Yoshio Hayashi, Hideto Kakuda, Mitsutsuti Tokuda, Massaiti Hiromori, Tokuchiro Iwamura, Iwajiro Matsuda, Kumaiti Sakamoto, Shigueru Fujii, Fujio Tanaka, Shiguo Arai, Akira Nakajima e Kyzo Ando.

No ano de fundação a entidade recebeu da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná um terreno de dois alqueires para a construção desta associação. No qual uma carta endereçada a comunidade nipo-brasileira pela comissão da companhia expunha a importância de se ter uma entidade para incentivar, integrar, difundir e dar continuidade as tradições japonesas que era bem representativa na região norte do Paraná (ALONSO, 2008).

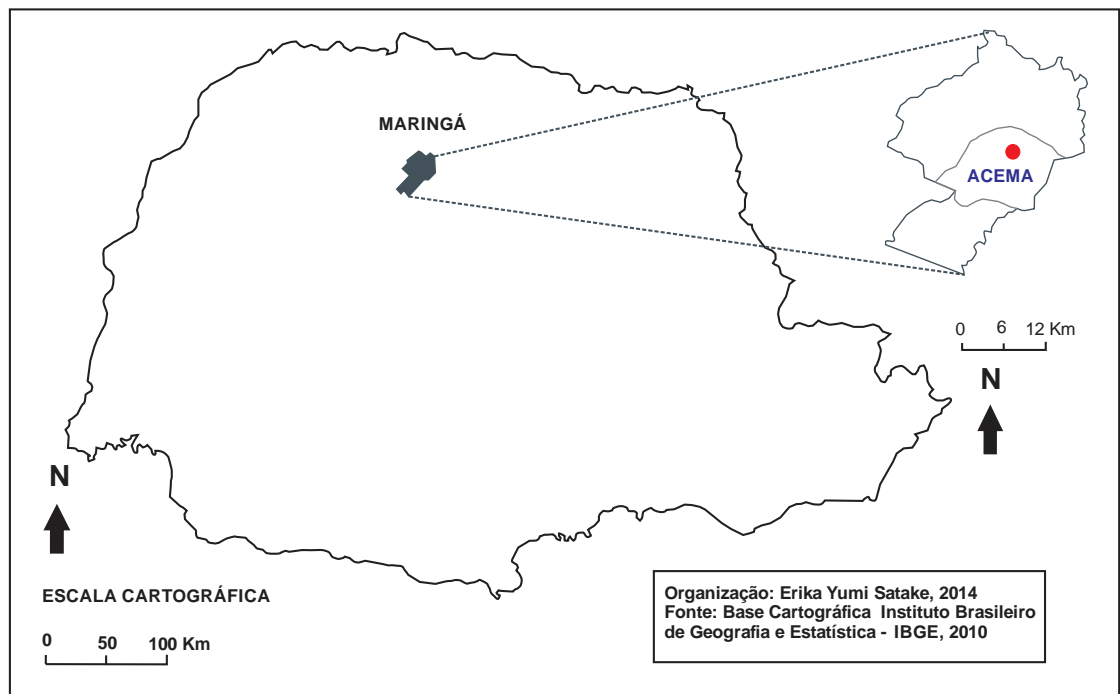
Concomitante a criação da entidade da Associação Cultural de Maringá, a geração jovem nipo-brasileira cria sua própria associação chamada Sociedade Cultural Esportiva de

Maringá, a SOCEMA. Os jovens da comunidade participavam de eventos esportivos e muitos nomes nipônicos se destacaram nos eventos desportivos paranaenses.

Em dezembro de 1972 houve a junção das duas entidades existentes, a dos pioneiros (Associação Cultural de Maringá) e a dos jovens (SOCEMA). A associação passa a denominar, portanto ACEMA – Associação Cultural e Esportiva de Maringá, possuindo como presidente Katsuji Nishiyama. Em 1975 com a gestão de Megumu Tanaka a associação estava com 700 famílias associadas.

Neste mesmo ano com o aumento dos associados houve-se a necessidade de um espaço maior para se realizarem os eventos culturais, sociais e esportivos, e isto levou a diretoria a iniciar uma campanha da construção da nova sede da ACEMA. Então em 1975 segundo Alonso (2008), foi adquirida uma área de seis alqueires para a construção desta nova sede da associação. A seguir a figura 3 mostra a localização do clube em Maringá.

**Figura 3: Localização do clube no município de Maringá.**



Fonte: IBGE 2010. Organização Satake, Erika Yumi 2014.

No dia 20 de junho de 1978, sobre a gestão de Tadayoshi Akimoto em comemoração ao 70º aniversário da imigração japonesa no Brasil foi efetuado o ato solene de lançamento da pedra fundamental da nova sede da ACEMA, um evento considerado histórico, pois contou com a ilustre presença de suas Altezas Príncipe Akihito e Princesa Michiko, herdeiros da Família Imperial do Japão, que vieram visitar oficialmente o Brasil, como já foi mencionado no capítulo anterior.

A construção da nova sede da ACEMA teve importância na coesão da comunidade nipo-brasileira maringaense, pois uma Comissão de Construção foi montada para expor as famílias nipônicas à importância de se desenvolver este trabalho de construção da nova sede da ACEMA. Portanto, em 12 de outubro de 1980 concluiu-se a construção da associação com 2.000 metros quadrados construídos, para 1.200 pessoas, pátio para 500 carros estacionados, campo de atletismo, campo de futebol, 5 quadras de tênis de campo, duas quadras de salonismo, dois campos de bairsebal, seis quadras de gateball, piscina olímpica, piscina infantil e para bebês, churrasqueira, bosques e parques para crianças (ALONSO, 2008). A imagem 6 a seguir mostra o novo e atual lugar desta associação.

**Imagem 07: Localização da Nova e atual Sede da ACEMA.**



Fonte: Google Earth, 2014. Organização: Erika Yumi Satake, 2014.

A nova construção desta nova infraestrutura conseqüentemente ampliou as atividades sociais, culturais e esportivas, aumentando assim o crescimento também dos associados e potencializando a Associação.

Em 02 de julho de 1973 na Câmara dos Vereadores de Maringá o prefeito Sílvio Magalhães de Barros e o então prefeito Sadao Inaoka, da cidade de Kakogawa – Japão, assinaram o tratado de co-irmandade entre estas duas cidades. Este acordo foi assinado devido ao forte vínculo que os povos japoneses e brasileiros tinham de amizade na época devido a ACEMA e os povos imigrantes da região. E em 1983, segundo a Comissão de Edição Comemorativa 40 anos da ACEMA, no 10º aniversário da co-irmandade entre as cidades, o clube recebeu de Kakogawa uma planta projetada para a construção de um jardim oriental no espaço, que hoje esta construída na entrada principal da entidade. Neste mesmo dia foi inaugurada a Avenida Kakogawa, que fica em frente a associação.

No ano de 1983 foi aprovada a construção da Casa dos Estudantes da ACEMA – CEA, que possui uma área física de 1200 metros quadrados e com capacidade de alojamento para 92 estudantes, com espaçoso anfiteatro, salas de aula e de reuniões, dependências para alojamentos que são destinados a jovens estudantes de outras cidades que procuram estudar em Maringá. Esta casa de estudantes – CEA foi construída com ajuda da JICA (Agência Japonesa de Cooperação Internacional) do governo Japonês, da comunidade nipo-brasileira maringaense e por empresas nipo-brasileiras dos Estados de São Paulo e Paraná (ALONSO, 2008).

Em 1984, o clube firmou convênio com a Associação Nipo-Brasileira para intercâmbios de jovens do Japão e foi a partir de então que anualmente estudantes são enviados pela associação para cumprirem estágios em Maringá, sob a responsabilidade da ACEMA. Já em 1986 para se ter um melhor desenvolvimento do ensino da língua japonesa na associação, esta recebeu um grande acervo de materiais didáticos de 105 volumes e aparelhos de estudos, financiados pela JICA.

A Associação Cultural e Esportiva de Maringá hoje em dia atua como uma parcela importante da colônia japonesa paranaense, pois sustenta solidamente as culturas da etnia japonesa e ao decorrer dos anos veio promovendo grandes eventos de âmbito estadual e nacional relacionado à cultura japonesa na cidade e região.

### ***3.1 A organização do clube***

Segundo a secretaria da ACEMA (2014) o clube possui mais de 800 famílias associadas incluindo descendentes nipônicos e brasileiros. O atual presidente é o Sr. Afonso Akioshi Shiozaki. A associação é dividida por setores esportivos, culturais e sociais no qual cada um destes possui um diretor responsável pela organização dos departamentos. Com isto o clube por possui um amplo espaço de lazer, segundo a secretaria da ACEMA, sempre está sediando eventos importantes de âmbito nacional, regional e local, relacionados a todos os setores existentes na associação, desde campeonatos nacionais de baseball, tênis, futsal, etc. como campeonatos culturais de canto e dança, por exemplo.

### ***3.2 O maior setor esportivo do clube ACEMA: Baisebol e Softball***

O baisebol se tornou um esporte de tradição no Japão, logo se dissemina rapidamente na comunidade nipo-brasileira. E na ACEMA a partir de 1982 o interesse por este tipo de esporte acentuou-se muito, pois segundo Domen (2014) foi com o baisebol que se iniciaram as atividades esportivas do clube.

A equipe da ACEMA segundo a Comissão de Edição Comemorativa 40 anos da ACEMA em 1988, ocupava uma posição de destaque com grandes vitórias expressivas no âmbito estadual, e hoje em escala nacional e internacional. Em 1984 á 1986, por exemplo, Cláudio Akiyama e Leonardo Nagano participaram da seleção brasileira como titulares, no campeonato Internacional de Baseball realizado em Tóquio – Japão.

No ano de 1985 a equipe de baisebol da ACEMA recebeu da cidade de Sapporo - Japão a equipe de baseball, e realizou jogos amistosos com a seleção paranaense. Em 1986 Maringá se classificou em segundo lugar no Campeonato Brasileiro de Baisebol, na categoria infantil que foi realizado em São Paulo. E um ano após esta conquistou, em 1987 a cidade e seus esportistas consagram-se Campeões no Campeonato Paranaense de Baisebol, na categoria adulta. Atualmente o departamento de baisebol possui nove categorias nos quais as idades dos atletas variam de 08-30 anos de idade, sendo que os treinos são realizados nas terças-feiras, quintas-feiras e finais de semana. E o número total de atletas é aproximadamente de 110 esportistas.

Por conseguinte, referente ao Softball que é um esporte eminentemente feminino e pode ser considerado uma versão mais leve do balsebol, nasceu no ano de 1983, possuindo com técnico Gilmar Prado, tendo como auxiliares Silvio Domen e Takeda. Em 1985 houve a primeira participação em jogos paranaenses, que ocorreu na cidade de Curitiba. E em 1986 a cidade de Maringá sediou os jogos Paranaenses de Softball. E no ano seguinte a equipe participa também do III Campeonato Paranaense, sediado na cidade de Umuarama.

Atualmente o Softbal da Associação Cultural e Esportiva de Maringá conta com um número aproximado de 100 atletas e as categorias se dividem em sete nos quais as idades podem variar de 08-30 anos. Sendo assim este departamento possui vários títulos de campeões em categorias infantis, juvenis e adulto, devido ao grande potencial que possuem estas atletas.

### ***3.3 A produção cultural do clube e suas manifestações***

#### ***3.3.1 Grupo cultural de Tambores TAIKO – WAKADAIKO***

A origem do grupo Wakadaiko surgiu da necessidade de preservar a tradição do taiko (tambor japonês), em que a diretoria tem empenhado para com os integrantes, não só com o objetivo de aprender as batidas nos tambores, mas na preservação da Cultura Japonesa. Em 1999, houve a integração dos jovens, tocando Bom Odori, no tradicional Festival Nipo Brasileiro que acontece anualmente no mês de setembro na ACEMA.

No festival de 2002 pela primeira vez houve a participação feminina, pois originalmente o grupo era composto apenas por homens, devido à cultura não permitir a presença feminina no grupo. Dessa maneira, após esta adaptação brasileira se fez presente a presença mista dos integrantes nas festas de Bon Odori nos municípios de Paranavaí e Marialva. No dia 10 de novembro de 2002, se apresentou pela primeira vez como show na cerimônia de encerramento do XIX Campeonato Brasileiro de Beisebol Infantil em Maringá. Foi reconhecido como o grupo de Taiko da ACEMA, com o nome " Wakaidaiko " (que Wakai significa jovem e Daiko seria o tambor), no dia 21 de fevereiro de 2003, em um show do jantar do 31º Encontro de Professores da Língua Japonesa do Paraná.



O grupo teve oportunidade de fazer apresentações não só em Maringá, mas em outras cidades como: Cambé, Paranavaí, Rôlandia, Curitiba, e também em estados como São Paulo (Presidente Prudente e Bastos), Santa Catarina (Joinville), Mato Grosso do Sul (Campo Grande). O grupo participa anualmente também do Festival Nipo Brasileiro realizado no clube ACEMA e sempre apresenta músicas novas no festival, como mostra a imagem 08 a seguir.

**Imagem 08: Grupo Wakadaiko apresentando no Festival Nipo-Brasileiro**



Fonte: Taikô - os tambores japoneses [acesso em: 01/10/2014]

Este grupo atualmente conta com aproximadamente 30 integrantes com faixa etária variando de 6 à 22 anos de idade. E possui dois líderes que organizam e dividem em grupos de principiantes, intermediários e os veteranos, no qual os treinos que são realizados de sábados a tarde e quarta-feira à noite são divididos por turmas. Por fim, neste ano de 2014 o grupo teve o privilégio de sediar pela segunda vez o Festival Kawasuji de Taiko que reúne grupos de tocadores de taiko do Brasil inteiro.

### 3.3.2 Grupo cultural de dança SAIKYOU YOSAKOI SORAN

O Grupo SAIKYOU formou-se em 2007 e, atualmente, integra o Departamento de Yosakoi Soran da ACEMA, com 92 integrantes de idade entre 5 a 25 anos. Tem como objetivo a formação e o desenvolvimento de crianças e jovens integrados nos valores culturais e sociais, bem como a transmissão e preservação da cultura japonesa através da dança e da música. O grupo é dividido por idade, portanto se tem infantil, juvenil e adulto, e este ano foi criado o grupo *master*, que é o grupo dos pais, sendo dança para todas as idades. Na imagem 09 a seguir, mostra o grupo fazendo uma das apresentações de dança anualmente no Festival Nipo-Brasileiro.

#### **Imagem 09: Grupo Saikyou apresentando no Festival Nipo-Brasileiro**



Fonte: Apresentações típicas japonesas [acesso: 01/10/2014].

Segundo Kamilla Tamura (ex-líder do grupo) o Grupo Saikyou participou pela 1ª vez do Festival Brasileiro de Yosakoi Soran em 2010, conquistando o 1º lugar da categoria adulto em 2010 e 2011. E em 2012 conseguiu o *Grand Prix*, no qual é o prêmio máximo do festival brasileiro de Yosakoi Soran. Em 2013 ficou em 1º lugar da categoria adulto e em 1º lugar da categoria juvenil. E este ano se classificou em 1º lugar da categoria juvenil. O Yosakoi é portanto uma mistura de Yosakoi Bushi com o Soran Bushi, que são duas danças tradicionais japonesas. E o Brasil é o único país fora do Japão que tem o festival reconhecido pela Associação de Yosakoi Soran do Japão.

### ***3.4 Os Eventos e Festividades promovidos pelo Clube***

#### ***3.4.1 Festival Nipo Brasileiro***

Este Festival é um dos maiores eventos do calendário de Maringá, o Festival Nipo-Brasileiro chega à sua 25<sup>o</sup> edição neste ano de 2014 consolidado como um dos maiores eventos da cultura japonesa no País, como mostra a imagem 10 e 11 a seguir. Foi criado para manter viva a cultura japonesa nas novas gerações, o Festival é fruto do esforço de milhares de descendentes de Maringá e região. São famílias inteiras, que se dedicam voluntariamente ao evento, desde o preparo dos pratos típicos servidos no pavilhão gastronômico até as apresentações artísticas que, ano após ano, tem encantado os visitantes.

#### **Imagem 10: Festival Nipo Brasileiro - gastronomia.**



Fonte: Pavilhão Gastronômico [acesso: 01/10/2014].

**Imagem 11: Panfleto de divulgação do Festival Nipo Brasileiro**



Fonte: Festival Nipo Brasileiro 2014.

O Festival Nipo Brasileiro é voltado para as famílias e possui inúmeros eventos culturais, filantrópicos e sociais, contribuindo também para o turismo de Maringá. Tendo este festival o reconhecimento do público, conquistou prêmios estaduais e nacionais de Melhor Evento Artístico Cultural Regional.

Anualmente em setembro este festival é realizado nas dependências da Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA), no qual este ano foi constatado mais de 100 mil visitantes de várias cidades do Paraná e de outros Estados. Antigamente a festa era realizada no mês de agosto, porém devido ser um mês de mudanças climáticas e ter chuvas constantes, o evento foi transferido para o mês de setembro.

O Festival Nipo Brasileiro possui como atrativos da festa além dos pratos típicos da cultura japonesa, as apresentações artísticas culturais como shows de taikôs do grupo Wakadaiko (os tambores japoneses), danças do grupo Saikyou Yosakoi Soran, danças de outras culturas como a alemã, por exemplo, há também apresentações de canto, além das exposições de artesanatos como Ikebana (arranjos florais), Bonsai (árvores em miniatura), Origami (dobraduras em papel), Cerâmica Raku e artes plásticas.

### ***3.4.2 Festival de tambores KAWASUJI***

Este é considerado o maior Festival de Taiko (tambores) do Brasil, no qual este ano ocorreu nos dias 18 e 19 de janeiro a sua 9ª edição, sediado na cidade de Maringá pela segunda vez, organizado pelo grupo Wakadaiko da ACEMA. A programação é feita pelo Sr. Akimasa Aoyama, e a organização do Kawasuji festival é responsável por cada cidade sede. A ideia principal do evento é criar um laço de amizade cada vez maior entre as pessoas de cada grupo de taiko que existe no Brasil e sempre estar renovando, vindo e crescendo com os treinamentos ministrados pelo grupo profissional que vem do Japão, trazendo novas técnicas e músicas.

Todos os anos é realizado geralmente nos sábados um workshop ministrado pelo grupo *japan Marvelous* do Japão e nos domingos se tem as apresentações dos grupos. Este evento reúne grupos de todo o Brasil, desde São Paulo, Santa Catarina, Salvador, Amazônia, Brasília, Goiânia, Rio De Janeiro até mesmo grupos de outros países como Argentina e Uruguai. Portanto por ser um festival, normalmente se tem a realização de workshop que é realizado no sábado pelo grupo Japan Marvelous, grupo do Japão. E no domingo se tem as apresentações de todos os grupos inscritos no evento e encerramento com um belo show do grupo Japan Marvelous. A imagem 8 a seguir mostra a reunião de tocadores.

**Imagem 12: Tocadores praticando música ensinada por professores japoneses**



Fonte: Felipe Tamashiro, 2013.

### ***3.4.3 Gincana esportiva do clube UNDOKAI***

Undokai ou Undoukai (undou - esporte, kai - reunião) significa " reunião ou encontro de esportes ". Entretanto, ao contrário da conotação altamente competitiva ou profissional que têm os encontros de atletismo, no Undokai todos os participantes são pessoas comuns, que não são necessariamente praticantes de uma modalidade esportiva específica. Sendo todos os participantes "atletas amadores", convencionou-se traduzir Undokai como "gincana poliesportiva".

Geralmente os Undokais são realizados no Japão no outono nos meses de setembro, outubro e novembro. No Brasil, a maioria dos undokais são realizados entre maio e agosto coincidindo com o outono do hemisfério sul.

O Undokai é um evento informal, um dia de fim de semana em família que reúne os descendentes de japoneses na ACEMA. Organizado por comunidades locais, as atividades são prioritariamente direcionadas às crianças, como mostra a imagem 13, que podem brincar e interagir com outras crianças, com suas próprias famílias e com a comunidade. O senso de

grupo é fundamental para a própria existência e realização de um Undokai. **Imagem 13:** Crianças participando de corridas.



Fonte: Undokai [acesso: 01/10/2014]

#### ***3.4.4 Festival de dança YOSAKOI SORAN***

O Yosakoi Soran é um festival de dança contemporânea japonesa que une tradição e modernidade. Criado no Japão, ele representa uma celebração em agradecimento pelos resultados da colheita e da pesca. Dança e música exaltam os movimentos da atividade pesqueira simbolizando a luta contra o mar e o heroísmo dos pescadores em busca de sustento.

No Japão, na década de 1990 contou com mais de 2 milhões de espectadores, gerando uma relação comercial de aproximadamente US\$ 220 milhões, durante 5 dias. Participaram mais de 44 mil dançarinos, sendo transmitido pelas emissoras de televisão. Nas músicas das apresentações foram elaborados novos arranjos, unindo aos típicos instrumentos japoneses, as guitarras elétricas, bateria e teclado, com ritmos modernos como o pop, rock e o hip-hop.

Segundo Kamilla Tamura, o Yosakoi Soran no Brasil visa preservar e divulgar a cultura japonesa, à comunidade japonesa e também a todos os brasileiros. Desde 2003 o Yosakoi passou a ser organizado no Brasil, o único país fora do Japão onde o Festival é realizado oficialmente. Dele participam grupos de todo o território nacional, dos quais são escolhidos os 3 melhores, divididos em duas categorias e dentre todos grupos participantes o melhor recebe o prêmio *Grand Prix*.

As primeiras edições do Festival Yosakoi Soran foram idealizadas e organizadas pelo empresário Hideaki Iijima, com a intenção de divulgar a cultura japonesa no Brasil. Os dois primeiros eventos ocorreram ao ar livre, como no Japão. Sendo que o primeiro Yosakoi foi realizado nas ruas do tradicional bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo capital, e também na sede da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa – Bunkyo; e o segundo realizado no Parque do Ibirapuera (SP), contando também com uma apresentação no Ginásio. A partir da terceira, o Festival passou a ser realizado no Via Funchal.

Desde a última edição, o Festival passou a ser organizado pela Associação Yosakoi Soran do Brasil, uma organização não-governamental que pretende dar ao evento reconhecimento nacional. No ano de 2013, exatamente na 11ª edição, o festival foi realizado na cidade de Maringá (PR), pois a cidade contém um amplo local para a realização de um evento brasileiro. E também neste ano de 2014 o festival foi realizado na mesma cidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração japonesa no Brasil iniciou no século XX com a vinda do primeiro navio japonês no país, o Kasato Maru, que continha milhares de famílias que vieram com o intuito de trabalhar nas fazendas de café, enriquecendo rápido para retornar ao seu país de origem. Porém estes japoneses ao chegarem aqui se depararam com outra realidade, a de dificuldades e exploração dos cafeicultores. Diante disto vários imigrantes se sentiram reprimidos e sem esperança de não retornar mais ao Japão, e assim com o decorrer do tempo foram permanecendo no Brasil e acabaram por se adaptar e fixar nesta terra, tão diferente da sua terra natal.

De início chegaram no Estado de São Paulo para trabalharem nas grandes fazendas cafeeiras, e posteriormente com o tempo foram migrando para diversas regiões do Brasil. Sendo o Estado do Paraná o segundo estado de destino destes imigrantes nipônicos. Por aqui a terra era mais promissora, fértil e de compra mais acessível para estes pequenos lavradores, que queriam iniciar uma nova vida e poder cultivar em sua própria terra.

Sendo assim este processo migratório segundo Gaudemar (1977) é uma das formas de mobilidade de trabalho, quando para sua reprodução, o capital controla e produz os fluxos migratórios, desta forma os trabalhadores com potenciais são atraídos por novas oportunidades de emprego, impostas pelas condições inerentes à sobrevivência, precisando vender sua força de trabalho, como foi o caso da vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil, pois como Japão e Brasil estavam passando por crises econômicas, estes decidiram fazer um acordo de amizade, comércio e navegação para que houvesse a facilitação da entrada destes imigrantes japoneses no Brasil.

Destarte disto nesta pesquisa, objetivamos apresentar a constituição histórica da vinda dos imigrantes japoneses para a região norte do Paraná e o por que da formação e fundação do Clube ACEMA como forma de local de reunião destes descendentes, sendo que o principal objetivo deste estudo foi de historicizar e entender como funciona a associação. Porém devido a ausência de uma didática acertada os resultados obtidos ao meu ver não foram muito satisfatórios, por não se ter autores que contam como está a situação do clube atualmente e não se ter dados concretos sobre os associados. Logo surge a questão de o por que não se ter um estudo aprofundado sobre o clube ACEMA, sendo que este tem uma grande

importância na vida destes imigrantes? Será devido os próprios descendentes não terem interesse sobre o assunto?

Portanto, é importante ressaltar que a história da imigração japonesa ocorreu devido a vários fatores que se congregaram e propiciaram a vinda destes para esta região Sul do país, no qual a fase do café teve grande influência para a vinda destes imigrantes na cidade de Maringá. E com a ampliação da colônia, houve a necessidade de fundar um clube para reunir os imigrantes. De início sabe-se que só participavam japoneses e seus descendentes, não sendo aberto a pessoas de outra descendência a não ser japonesa. Porém como não obtive informações concretas sobre o assunto e este não era o intuito deste trabalho, fica então mais uma dúvida que não foi esclarecida, devido a falta de bibliografias específicas sobre o assunto.

Diante destas considerações a realização desta pesquisa foi de grande importância para a minha formação profissional, pois através dele pude me aprofundar nesta temática e perceber que há lacunas a serem questionadas que são pouco abrangidas entre a comunidade nipônica e no curso de graduação em Geografia. Sendo assim consegui historicizar a real história e fundação do Clube ACEMA como era o intuito desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Antônio Padilha. **Paraná Japonês - As comunidades Nipônicas**. Maringá:2008.
- ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina, 1930/1975. Londrina: Ed.UEL, 1998.
- BALAN, Jorge. **Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil**: ensaio de Interpretação histórico-comparativo. Revista Estudos CEBRAP, n.5, p.49, jul./ago./set. 1973.
- BENATTI, Antônio Paulo. **O centro e as margens**: prostituição e vida boemia em Londrina (1930-1960). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- CRUZ, Ricardo; ROSA, Daniel de; KEISI, Minami. **Almanaque do centenário da imigração Japonesa no Brasil**. Editora Escala, 2008.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo: Publicação Comemorativa do Cinquentenário da CMNP, 1975.
- DIAS, Reginaldo; GONÇALVES, José Henrique B. **Maringá e o Norte do Paraná**. Estudos de História Regional. Maringá EDUEM, 1999.
- GAUDEMAR, Jean Paul de. **A Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa. Estampa 1977.
- HANDA, Tomoo. **O imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil**. Editora T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo Brasileiro, 1987.
- HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial. Ministério da Integração Nacional, 2004.** Parte 1. p. 15 – 28. Disponível em: [http://www.mi.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=3fc31d16-e5f7-46fb-b8cc-0fb2ae176171&groupId=24915](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=3fc31d16-e5f7-46fb-b8cc-0fb2ae176171&groupId=24915)>Acessado em 10 setembro 2014.
- HAESBAERT, Rogério. **DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS Á MULTITERRITORIALIDADE**, 2004. Disponível em:

[http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE\\_Ro-gerio\\_HAESBAERT.pdf](http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Ro-gerio_HAESBAERT.pdf) Acessado em 25 julho de 2014.

**HISTÓRICO do 60º Aniversário da Colônia Japonesa no Paraná.** 1968. 330 p. In. NETO, Arthur de Oliveira Andrade, 1979 - **Maringá: ontem, hoje e amanhã** / Arthur de Oliveira Andrade Neto.

LEFEBVRE, H. 1986(1974). *La Production de l'Espace*. Paris : Anthropos.

LIMA, Fausto C. de. **Prestes Maia em Londrina: Moderno em que estilo?** 2000, 219 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

MARX, Karl. **O capital: crítica de economia política. Livro I: o processo de produção do capital.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

NETO, Arthur de Oliveira Andrade, 1979 - **Maringá: ontem, hoje e amanhã** / Arthur de Oliveira Andrade Neto. Editora ND, 1979.

OGUIDO, Homero. **De imigrantes a pioneiros: a saga dos japoneses no Paraná.** Curitiba: 1988.

PARANÁ -NORTE. Londrina, 09/10/1934.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.** São Paulo: HUCITEC; Curitiba: Co-edição Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

PÓVOA NETO, Helton. **“Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual”.** In: *Experimental*, nº 2 1997, p11-24.

ROLIM, Rivail Carvalho. **O policiamento e a ordem: repressão e violência (1948-1962).** Londrina: EDUEL, 1999.

SATO, Lílian Hissami. (1999). **A imigração japonesa para o norte do Paraná.** Monografia apresentada ao Departamento de História da UEL. Londrina, Paraná.

SAKURAI, Célia. **Imigração tutelada: os japoneses no Brasil**. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. **Uma epopéia moderna – 80 anos de Imigração Japonesa no Brasil**. Editora Hucitec, 1992.

SOUSA, Adriano Amaro de. **A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO OESTE PAULISTA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A INTRODUÇÃO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA**. Geografia em Atos, n. 8, v.1. UNESP, Presidente Prudente, 2008.

VIEIRA, Francisca Isabel Shurig, **O japonês na frente de expansão paulista**. São Paulo: Pioneira, 1973.

#### **SITES, REVISTAS E JORNAIS PESQUISADOS.**

**ACEMA. Comissão de Editores. 40 anos da ACEMA - Edição comemorativa de 40º aniversário da Associação Cultural e Esportiva de Maringá**. Maringá: ACEMA 1988.

**Diários. Revista Imim 100 – Japão e Maringá: Uma amizade que atravessa o tempo - O Diário do Norte do Paraná**. Maringá, junho de 2008.

Demografia - Imigração Japonesa: 5. Paraná: o lado oriental do sul do Brasil. Disponível em: [http://www.passeiweb.com/estudos/sala\\_de\\_aula/geografia/brasil\\_imig\\_japonesa\\_5\\_para\\_na](http://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/geografia/brasil_imig_japonesa_5_para_na) Acessado em: 27 de julho 2014.

DEMOGRAFIA DE MARINGÁ. Dados demográficos com população, renda e eleitores de Maringá. 2014. Disponível em: <http://www.maringa.com/maringa/demografia.php> Acesso em: 12 agosto 2014.

Festival. Yosakoi Soran no Brasil. 2014. Disponível em: <http://www.yosakoisoran.org.br/festival> Acessado em: 13 outubro 2014.

Fundação Casa de Rui Barbosa. **Os Estudos de Imigração: Sobre algumas implicações políticas do método.** Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/FCRB CharlesPGomes OsEstudos de imigracao sobre algumas implicacoes politicas do metodo.pdf> Acessado em: 25 julho 2014.

História de Maringá. 2014 Disponível em: <http://www.odiario.com/historiademaringa/> Acesso em: 09 agosto 2014.

História de Maringá. 2014 Disponível em: <http://www.maringa.com/historia/historia.php> Acesso em: 09 agosto 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Paraná - Maringá. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411520> Acessado em: 12 outubro 2014

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acessado em: 26 julho 2014.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. 2006. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/> Acessado em: 26 julho 2014.

Maringá, Paraná, Brasil. 2014. Disponível em: <http://maringaparanabrasil.blogspot.com.br> Acessado em: 25 julho 2014.

O território em tempos de globalização. 2007. Disponível em: [http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007\\_2\\_4.pdf](http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf) Acessado em: 26 julho 2014.

Parque do Japão - Maringá/PR. 2012. Disponível em: [http://adrianasuzuki.blogspot.com.br/2012\\_06\\_01\\_archive.html](http://adrianasuzuki.blogspot.com.br/2012_06_01_archive.html). Acessado em: 25 julho 2014.

Templo Budista Jodoshu Nippakuji. 2014 Disponível em: <http://www2.maringa.pr.gov.br/turismo/?cod=atrativos-turisticos/31> Acessado em: 26 julho 2014.

25° Festival Nipo Brasileiro 2014. Fotos. Disponível em: <http://www.festivalnipobrasileiro.com.br/galeria/?galeria=38>. Acessado em: 25 julho 2014.

25° Festival Nipo Brasileiro 2014. O Festival. Disponível em: <http://www.festivalnipobrasileiro.com.br/festival/index.php> Acessado em: 13 outubro 2014.

25° Festival Nipo Brasileiro 2014. O Evento. Disponível em: <http://ccem-mga.blogspot.com.br/2014/09/25-festival-nipo-brasileiro-2014.html> Acessado em: 26 julho 2014.